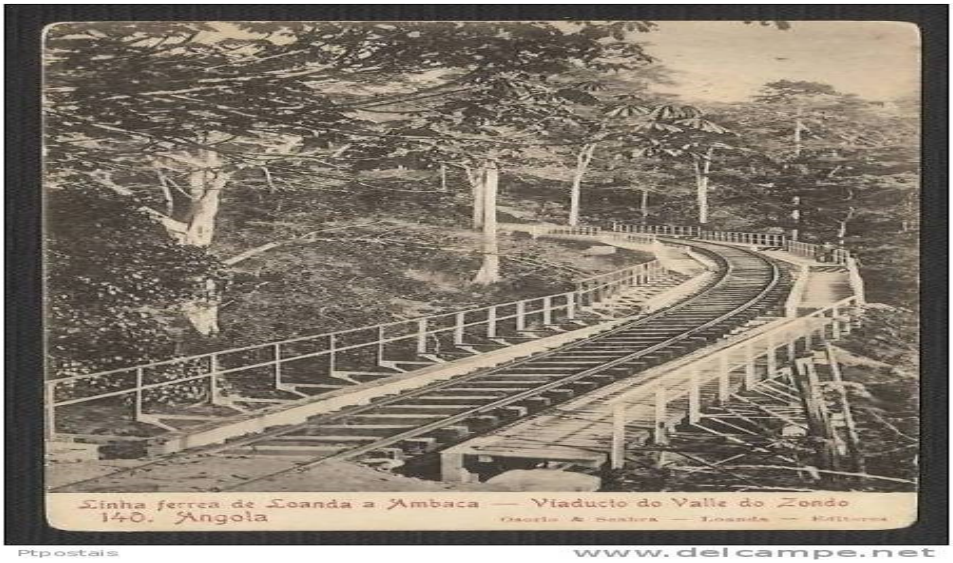
FANICOL

Mbanza Kameleji

CONTRIBUIÇÃO AO RENASCIMENTO DA "PROVÍNCIA DE AMBACA" NO CONTEXTO HODIERNO DE ANGOLA

(Ensaio – *Versão Exploratória*)



Fonte: Linha Férrea de Loanda a Ambaca (***1886-1899***), 17 de Junho de 2008

ARTIGO DA REVISTA ANTENA FAMILIAR

Autor: António Lopes Nicolau
Email: *alonicolau@yahoo.com.br*

Março 2024
(Artigo nº 008/2024)

Luanda – Angola

ÍNDICE

NOTA PRÉVIA 3
I. Introdução 4
1.1. Contextualização Histórica do nome Angola 4
1.2. Justificativa para abordar o Renascimento de Ambaca 4
II. História e Contexto de Kwanza Norte 4
III. Breve Resenha sobre Golungo Alto, Lucala e Malanje 7
3.1 Golungo Alto 7
3.2 Lucala 7
3.3 Malanje 8
IV. Caminho de Ferro de Ambaca *versus* Caminho de Ferro de Luanda 9
4.1 Caminho de Ferro de Ambaca 9
4.1.1 Missões Botânicas no Kwanza Norte 10
4.1.2 Urbanização e a Linha de Ambaca no Ordenamento do Território 11
4.2 Caminho de Ferro de Luanda 13
V. História e Contexto de Ambaca, Camabatela, Kitexe e Negaje 14
5.1 Ambaca e a sua Complexidade Histórica 14
5.2 Camabatela Ambundu na Encruzilhada Akongo 17
5.3 “Ambivalência” Ambundu e Akongo no Negaje e Kitexe 18
VI. Kimbundização *versus* Aportuguesamento 21
6.1 O Kimbundu como Língua Franca 21
6.2 O Ambakista e a Língua Portuguesa 22
VII. O Renascimento da “Província de Ambaca” 23
7.1. Antecedentes 23
7.2. Processo de Recriação da “Província de Ambaca” 24
7.3. Significado Cultural e Económico da “Província de Ambaca” 24
VIII. Conclusão 25
8.1. Recapitulação dos Principais Pontos 25
8.2. Reflexões sobre o Futuro da “Província de Ambaca” 25
8.3. Considerações Finais e Possíveis Direções para Pesquisas Futuras 25
IX. Referências Bibliográficas 26
X. ANEXOS 27

NOTA PRÉVIA

A «***Contribuição ao Renascimento da "Província de Ambaca" no Contexto Hodierno de Angola***» é uma iniciativa que procura ou visa rebuscar no passado da sua história o potencial dos seus recursos materiais e humanos, que a tornaram em um centro de excelência e pode servir no presente (como "**zona central**") à diversificação da economia, bem como o bem-estar dos seus povos e da economia nacional.

Fonte: daKaza, Página Facebook. 25 de Março de 2020

Segundo **Araújo (2000)**, a designação Kwanza Norte teve motivos particulares e de interesse colonial, que urge corrigir. "*Neste contexto uma nova reforma permitiria a repartição das províncias do Kwanza e do Bengo dando lugar a mais uma que poderia designar-se* ***Ambaca*** *(Mbatela) designação apropriada e abrangente a região dos municípios do Cazengo (sede da província, com capital em Ndalatando), Golungo Alto, Banga, Cariamba, Ambaca (Camabatela), Kikulungo, Bulangongo, Samba Cajú (anexando a povoação de Kizenga), Lucala e Pungo-Andongo (para Município)*".

No contexto hodierno, pela paz e harmonia dos seus habitantes, a presente abordagem vai reflectir-se no espaço territorial existente, na actual Província de Kwanza Norte (mudando somente a designação para "Província de Ambaca"), por forma a facilitar o seu entendimento na trajectória histórica, económica e social e o seu alcance futuro como "**CEsKA** - ***Corredor Económico-social Kwanza-Ambaca***", a enquadrar nos esforços da diversificação da economia de Angola, onde a "**conformidade**" deverá ser a "trave-mestra".

I. INTRODUÇÃO

O presente ensaio explora a contribuição para o renascimento da "Província de Ambaca" dentro do contexto actual de Angola. Começa contextualizando a rica história e diversidade cultural de Angola, marcada por colonização, luta pela independência e desafios de consolidação nacional. Destaca a importância do povo **Ambundu**, que inclui os habitantes de **Ambaca**, parte do antigo "***Reino Ndongo-Matamba***". A língua principal é o **Kimbundu de Ambaca**, com influências de outras variantes do Kimbundu e línguas de regiões adjacentes. Apresenta informações sobre a região dos Dembos, onde os "grupos étnicos" **ngola** e **mahungu** se misturam linguisticamente. Além disso, faz-se referência a **Lima** (**1991**) para listar os diversos povos que compõem o "***Grupo Ambundu***". O ensaio termina com uma recomendação para reflectir sobre o tema, não como uma solução definitiva, mas como um ponto de partida para o "renascimento" da região de Ambaca.

1.1. Contextualização Histórica do nome Angola

Reza a história, que o nome "**Angola**" tem origem no termo "**Ngola**", que era o título de um dos potentados **Ambundu** no antigo reino do **Ndongo**, localizado entre **Anzele**, **Ambaca** e **Pungo Andongo**, nas actuais províncias do Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul e Malanje, ao longo dos rios Lucala e Kwanza. As terras adjacentes ao longo desses rios, inicialmente sob a tutela dos Ngola e posteriormente conquistadas pelos portugueses, passaram a ser conhecidas como "***terras dos Ngola***" e, posteriormente, simplesmente como **Angola**.

1.2. Justificativa para abordar o Renascimento de Ambaca

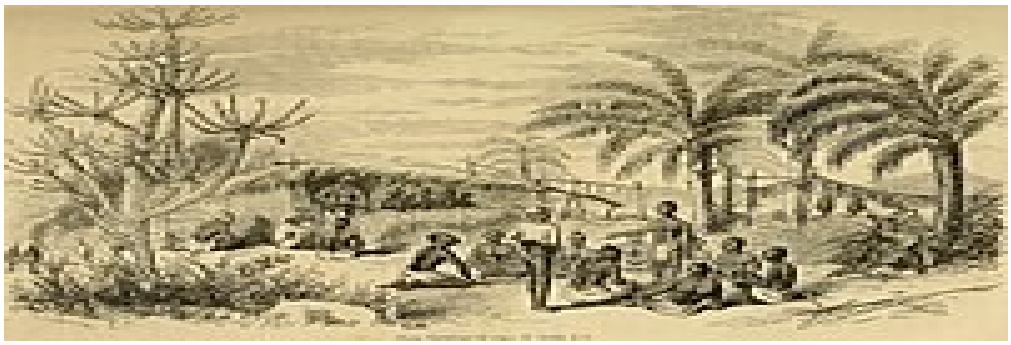
A justificativa para abordar o renascimento de Ambaca (no contexto da actual Província de Kwanza Norte) reside em sua importância histórica, cultural, económica e social, bem como os desafios e oportunidades no cenário contemporâneo angolano. Esta região do centro-norte do país desempenhou um papel significativo no desenvolvimento da nação, mas enfrentou desafios significativos, como subdesenvolvimento económico, infraestruturas precárias e acesso limitado a serviços básicos. Ao examinar o renascimento de Ambaca, busca-se compreender os esforços para promover seu desenvolvimento sustentável e superar tais desafios. Além disso, rebusca-se o impacto desse renascimento não apenas localmente, mas também em termos de contribuição para Angola em níveis nacional e internacional. A abordagem abrange a história, contexto político-administrativo e esforços de renascimento de Ambaca, fornecendo *insights* sobre seus desafios, oportunidades e direções futuras.

II. HISTÓRIA E CONTEXTO DE KWANZA NORTE

Kwanza Norte é uma das 18 províncias de Angola, localizada na região centro-norte do país. Sua capital está na cidade de Ndalatando, no município de Cazengo. Segundo as projeções populacionais de **2018**, elaboradas pelo Instituto Nacional de Estatística, conta com uma população de **495.810** habitantes e área territorial de **24 110 km²**, sendo a segunda província menos populosa de Angola, ficando a frente apenas do Bengo. É constituída de 10 municípios, sendo os de Ambaca (Camabatela), Banga, Bologongo, Cambambe, Cazengo, Golungo Alto, Gonguembo, Lucala e Kikulungo.

Aqui apresenta-se uma visão abrangente da história, geografia, economia, demografia e cultura da província de Kwanza Norte, a saber:

1. **História**: Segundo Freudenthal, a província tem raízes históricas antigas, incluindo a presença de uma antiga Real Fábrica de Ferro e a passagem de uma caravana missionária liderada por David Livingstone. Recorda-se que da Real Fábrica de Ferro, dois séculos passados, apenas subsistem ruínas, ainda impressionantes: "*dois troços da represa das águas do **Luínha**, o aqueduto de 22 arcos de cerca de 118 metros de comprimento, condutor da água para mover os engenhos, um grande compartimento para as rodas hidráulicas, um forno de fundição, uma grande ferraria com três armazéns e um canal para escoar a água*". Junto à fábrica, foi no **século XVIII** edificada uma povoação denominada **Nova Oeiras**, destinada a albergar os artífices e operários da fundição. Foram ainda construídas uma igreja, a feitoria real e outros edifícios públicos, dos quais apenas restam ruínas. Em **1925**, o conjunto foi redescoberto e classificado como monumento. Em **1972**, foram escavadas algumas ruínas e identificados vestígios da povoação (Nova Oeiras), procedendo-se a algum restauro dos muros de alvenaria da represa. Desconhece-se o estado actual deste conjunto.



Caravana missionária de David Livingstone (seguindo em direção à Luanda) faz uma parada num vilarejo do então **distrito de Ambaca**, nas cercanias de **1870**.

A história administrativa da província do **Kwanza Norte** inicia-se no **século XVII**, com a repartição do antigo Reino do **Dongo**, para criar o distrito de São Paulo (actual província de Luanda) e o distrito do **Golungo Alto**, este último com sede em Golungo Alto. Por vezes, o distrito do Golungo Alto também era chamado de **distrito de Ambaca**. Em **1810** o distrito do Golungo Alto foi desmembrado para que se criasse o distrito dos **Dembos** (actual província do Bengo) e, em **1857** foi extinto, sendo integrado ao **distrito de Luanda**. Em **1861** recria-se novamente, porém com o nome de distrito de Golungo, existindo somente até **1866**. Em 15 de agosto de **1914**, o governador colonial Norton de Matos cria o **distrito de Kwanza**, com sede em Golungo Alto, como forma de compensar a cidade de Golungo Alto por não ligar-se com o Caminho de Ferro de Luanda; pois, o efeito não foi o desejado e o Golungo Alto caiu em profundo ostracismo, ocorrendo a mudança da sede distrital para Nadalatando. Em 15 de setembro de **1917** o governo colonial decide por dividir o distrito de Kwanza em distrito de **Kwanza Norte** e distrito de Kwanza Sul (actuais províncias de Kwanza Norte e de Kwanza Sul).

2. **Geografia**: A actual província de Kwanza Norte está localizada na região centro-norte de Angola, limitando-se a norte com a província do Uíge, a oeste província do Bengo, a leste província de Malanje e a sul com a província do Kwanza Sul. O Kwanza Norte é servido pelo rio Kwanza (nasce no Bié) e, principalmente, o rio Lucala (nasce no Negaje).

A região é caracterizada por sua topografia variada, com relevo de alturas variando de 500 a 1500 metros em relação ao nível do mar, pois, são nas formações do Planalto do Uíge, do Planalto de Camabatela, nos Altos Zenza e na Serra da Banga que registam-se as maiores elevações da província. No Kwanza Norte, segundo a classificação climática de Köppen-Geiger predomina o clima tropical de savana (Aw/As), com uma temperatura média de 24 até 28°C.

3. **Economia**: Essencialmente **agrícola**, o Kwanza Norte, como o resto do país, sofreu os efeitos das guerras, o que a tornou deficitária, no plano alimentar e industrial, reduzindo algumas de suas culturas ao nível de subsistência. Desde **2002** estão a ser reabilitados os campos agrícolas de ananás, da mandioca e do café, que foram os tradicionais sustentáculos do Kwanza Norte, além da retomada da exploração de mármore rosa, manganésio, ferro, ouro, madeira e água mineral. A agricultura é a mais importante actividade económica da província, sendo suas principais produções de lavoura temporária o milho, ananás, jinguba, algodão, ervilha, feijão, mandioca e a massambala. Já nas lavouras permanentes destacam-se a palmeira dendém, café, banana, citrinos e mamão, além da fruticultura de abacates e goiabas. Na produção pecuária, aviária e de pescado, caracteriza-se pela criação de bovinos, caprinos e suínos, para carne e leite, bem como galináceos para ovos e carne, além da pesca artesanal, importante actividade nos lagos da faixa sul da província, rentes aos rios Kwanza e Lucala. A agricultura local é subdividida em **3 zonas**:

- **a)** A primeira zona é denominada **planáltica**, formada pelos municípios de Ambaca (Camabatela), Samba Cajú e Lucala, na qual se faz a produção das culturas de cereais e café, sendo também apta para a pecuária;
- **b)** A segunda é zona **montanhosa**, nos municípios de Bolongongo, Kikulungo, Banga, Cazengo, Golungo Alto e Gonguembo, dedicando-se a cultura do café, palmar e fruteiras, sendo realizadas também culturas de subsistência; e
- **c)** A Terceira zona, localizada numa **área de convergência** entre os rios Kwanza e Lucala, no Município de Cambambe, que dedica-se à fruticultura, palmar e hortículas.

O parque industrial da província está localizado, principalmente, nos municípios de Cambambe (Dondo) e Cazengo (Ndalatando), e é forte sobretudo no sector têxtil, com o beneficiamento do sisal e de bebidas. Na cidade do Dondo, no município de Cambambe, situa-se a fábrica da EKA, uma das cervejas mais apreciadas do país. Salienta-se ainda o calçado, couro, tabaco e produtos alimentares. Também em Kikulungo temos o cultivo de café e a fábrica de cerveja **Cazengo**, potenciais produtos exportáveis. Na **agroindústria**, sua produção está baseada na exploração e beneficiamento da madeira para produção de móveis e construção civil, havendo inúmeras **carpintarias**, **serrações**, **movelarias** e **marcenarias**. As outras actividades agroindustriais de relevo são do beneficiamento da carne e do leite bovino.

A província mantém actividades de mineração em escala artesanal e industrial, sendo as mais relevantes a do ouro, diamante, ferro, manganês, mármore, níquel, zinco e cal. Ainda se registam a extração de quartzo, cobre, areia e água mineral. A principal área de mineração kwanza-nortenha é o complexo mineiro de Kasala-Kitungo, nas redondezas da comuna de Danje-Ya-Menha, donde se extrai ferro, manganês e ouro. Também em Cambambe está localizada uma das centrais energéticas que dão substanciais recursos à província, sendo a Central Hidroelétrica de **Cambambe**. Na brevidade haverá também a Central Hidroelétrica de **Caculo Cabaça**. A pequena manufactura artesanal explora sobretudo materiais como a madeira, a argila e o bordão.

4. **Demografia**: A população é predominantemente composta pelo “grupo étnico” dos **ambundu**, e o português é a língua mais “falada”, seguida pelo **Kimbundu** (com as suas variantes).

5. **Cultura**: A província é rica em património cultural, com destaque para a gastronomia local, e manifestações culturais como danças tradicionais.

6. **Património Natural e Pontos de Lazer**: Uma das principais reservas naturais da província é a Reserva Florestal do Golungo Alto, que tem uma área de 558 km², sendo o abrigo de várias espécies como a pacaça, hipopótamos, antílopes, corças, lebres, galinhas do mato e perdizes. Também se encontram elefantes, leões, onças, lobos, hienas, chacais e mabecos. A maior faixa de preservação é a Reserva Florestal do Guelengue e Dongo, que tem uma área de 1.200 km² e está limitada pelos rios Chicusse, Chissanda, Cusso, Cussava e Cunene. O tipo de vegetação predominante é o "miombo" e a savana. No entanto, a Reserva Florestal de Caculama tem uma área de 800 km² e está limitada a norte e oeste pelo rio Zenza, a leste e a sul pelo rio Calucala. Assim, os principais locais de lazer incluem as reservas florestais do Golungo Alto e Caculama, as quedas do rio Muembeje e as nascentes de Santa Isabel e Sobranceiro.

7. **Infraestrutura e Transporte**: A província é servida por várias estradas nacionais sendo as principais no sentido oeste-leste, que dão acesso à província do Bengo (oeste) e a província de Malanje (leste), são as rodovias **EN-230**, **EN-321** e **EN-322**, e; no sentido norte-sul, que dão acesso à província do Uíge (norte) e a província do Kwanza Sul, são as rodovias **EN-120** e **EN-320**. O **Aeroporto** Comandante Ngueto está a 7 km da cidade de Ndalatando e recebe aviões de pequeno e médio porte. O Caminho de Ferro de Luanda é um importante tronco logístico para o transporte e exportação de bens produzidos na região.

III. BREVE RESENHA SOBRE GOLUNGO ALTO, LUCALA E MALANJE

3.1 Golungo Alto

Golungo-Alto é uma cidade e município localizado na província do Kwanza Norte. O município tem uma área de 1.989 km² e uma população de aproximadamente 70 mil habitantes. É constituído pela comuna-sede, correspondente à cidade de Golungo-Alto, e pelas comunas de Cambondo, Cêrca e Kilwanje. Foi capital do distrito do Golungo Alto entre o século XVII e **1866**, sendo recriado em **1914**, mas a sede distrital foi posteriormente transferida para Ndalatando. Golungo Alto era servida por uma estação ferroviária ligada ao Caminho de Ferro de Ambaca, e, mais tarde ao de Luanda através do Ramal do Golungo Alto. Destaca-se pela sua história, tendo sido um importante centro durante o período do *boom* do café. Possuía uma significativa "elite" intelectual e comerciantes bem-sucedidos.

3.2 Lucala

Lucala é uma cidade e município situado na província do Kwanza Norte. O município tem uma área de 1.718 km² e uma população de cerca de 42 mil habitantes. É constituído pela comuna-sede, correspondente à cidade de Lucala, e pela comuna de Kyangombe (Vila Flor). O nome "Lucala" deriva do rio Lucala, um importante referencial geográfico da região. A cidade possui atrações naturais, como as quedas do rio Lucala e a Pedreira de Lucala, que era pertencente à extinta empresa mineira Ferro Brita. É servida por uma das mais importantes estações do Caminho de Ferro de Luanda (antes, Caminho de Ferro de Ambaca), conectando-a a Malanje e à capital nacional, Luanda. É, também, no município de Lucala onde se situava a **antiga capital de Ambaca**, em **Pamba-Real**.

3.3 Malanje

Malanje é uma das 18 províncias de Angola, localizada na região norte do país, com a sua capital na cidade e município de Malanje. Segundo as projeções populacionais de 2018, do Instituto Nacional de Estatística, conta com uma população de 1 108 264 habitantes e uma área territorial de 98 320 km². É constituída por 14 municípios: Cacuso, Cahombo, Calandula, Cambundi-Catembo, Cangandala, Cuaba-Nzoji, Cunda-Dya-Baze, Luquembo, Malanje, Marimba, Massango, Mucari, Quela e Quirima. O nome "Malanje", possivelmente, deriva da palavra "**ma-lanji**" na língua kimbundu, significando "as pedras". Outra versão diz que uma expedição lusa, liderada por Rodrigues Graça (**1843**), chegou às margens no rio Malanje e encontraram mulheres locais e perguntaram sobre os homens da região, tendo elas respondido em kimbundu: "**mala hanji**", que significa: "também há homens." Uma terceira versão diz que os portugueses enviaram emissários aos sobas (*mwenexi*) locais com o objectivo de prevenir que eles tivessem de usar a força para ocupar a região. Quando um dos emissários foi dar a mensagem ao soba local, ele respondeu: **"Malaji**?", em português: "São malucos?".

1- Antes da colonização portuguesa, a região de Malanje estava sob domínio do reino da Matamba, com influência do reino do Congo e do reino de Cassanje:

O **Reino do Ndongo** formou-se no **século XIV** com migrações de povos do centro de África que se instalaram na Matamba. O chefe destes povos **Ngola Nzinga** avançou para o **kwanza** e conquistou as terras quase até ao mar. O seu filho **Ngola Mbandi** criou o **Reino do Ndongo** com a capital em **Mbanza Kabasa** (nas cercanias do actual Dondo). Este reino, até perto de **1563**, pagava tributo ao Reino do Congo. Os portugueses entraram oficialmente em contacto com o reino em **1520**, no reinado de **Ngola Kilwanje**, mas muito antes dessa época já havia relações entre os **Ngolas** e os comerciantes portugueses que estavam no **Congo**. Este reino manteve a sua independência até **1671**, ano em que os portugueses venceram e mataram o **rei Ngola Ari II** em Pungo Andongo.

No período pré-formação política do reino da Matamba, as terras malanjinas estavam sob influência do reino do Congo, ao norte, e dos jagas-imbangalas ao leste e sul. Matamba, ora província, ora ducado e reino vassalo do Congo, foi nominalmente tributária deste até meados do século XVI. Rebelou-se contra o Congo e ampliou seu domínio sobre outras terras e vassalos, a partir de sua capital em Mocaria Camatamba (actualmente no Uíge), por volta de **1560**.

Em **1590**, o governador colonial português Luís Serrão, com apoio dos reinos Congo, Dongo e "Guindas", reuniu cerca de um milhão de homens para dominar Matamba. Temendo uma destruição iminente, Matamba cede a uma vassalagem ao Congo. Com a aliança luso-dongolesa desfeita, Matamba ajudou o reino Dongo na **batalha de Lucala**, em **1590**, derrotando os portugueses na Guerra Preta. Este seria o primeiro grande movimento de uma forte aliança regional entre Dongo e Matamba.

Os portugueses invadiram Matamba no governo de Luís Mendes de Vasconcelos, no final da década de **1610**, dando início à Guerra contra Dongo e Matamba, como forma de vingar-se da **derrota na Guerra Preta**. A guerra gerou grande destruição dos povoados e casas, inclusive a **capital**. O Dongo, reino aliado, também **foi destruído**, incluindo a localidade de **Pamba-Real** (cercanias do rio Lucala, em Lucala), então "**Mbanza da Realeza de Ambaca**" dos "Ambaquistas". Assim, as populações sobreviventes ficaram dispersas e (por interesse "estratégico" colonial) a designação de Ambaca foi transferida para Camabatela para confundir os seus autóctenes e retirá-

los (mantendo-os distantes) da linha estratégica do comércio que fluía entre os **cais fluviais** dos **rios Lucala** e **kwanza**. Nota-se, que a criação de Camabatela/Ambaca data de **1611**.

2- Durante os períodos de conflito entre Portugal e os reinos locais, Malanje teve um papel significativo, incluindo alianças militares e confrontos: Assim, após a derrocada de Dongo e Matamba, surge a figura de Ana de Sousa Njinga Mbandi, que viria assumir primeiramente o Dongo em **1624**. Uma guerra civil no Dongo sucedeu-se entre **1626 e 1631**, obrigando Njinga a aliar-se com os jagas-imbangalas que haviam acabado de formar o reino de Cassanje, a partir da separação do reino Lunda. Tal aliança foi fundamental para Njinga, que conseguiu derrotar os pretendentes ao trono Dongo e unificar a coroa com Matamba, formando o "**Reino Unido Dongo-Matamba"**. Na influência da ocupação holandesa de Angola, em **1641**, a rainha Ana de Sousa Njinga estabeleceu acordo militar com os holandeses, constituíndo um exército poderoso com a aliança militar **Congo-Cassanje-Matamba**. Este período coincide com o ímpeto da rainha Ana de Sousa Njinga em fixar capital em **Sengas de Cavanga** (nas proximidades de Negaje), para fazer frente ao posto lusitano em **Camabatela**. Assim se explica (provavelmente) a expansão do "**Ambakismo"** (e a sua língua **kimbundu**) até à região kongo (nessa direção).

3- A região de Malanje foi subjugada ao distrito de Golungo-Alto (Ambaca): No contexto holandês, em "Angola", os portugueses tiveram embates directos com Matamba e Cassange entre **1644 e 1648**. Desta feita, em **1646**, as forças portuguesas conseguiram arrasar a capital **Sengas de Cavanga** fazendo Matamba retroceder para as terras de Malanje, com a capital voltando para Santa Maria do Calaquesse (nas proximidades do actual povoado de Mussango, na confluência do **rio Calequesse** com o **rio kiongua,** em terras de **Cunda-Dya-Baze**). Nota-se, que **Cunda-Dya-Baze** é uma cidade e município da província de Malanje. Tem 5 098 km² e cerca de 31 mil habitantes. É limitado a norte pelo município de Marimba, a leste pelos municípios de Kwango e Xá-Muteba, a sul pelo município de Kela, e a oeste pelo município de Kahombo. O município é constituído pela comuna-sede, correspondente à cidade de Cunda-Dya-Baze, e pelas comunas de Lemba e Milando.
Como resposta militar ao "***Reino Unido Dongo-Matamba***" e ao processo de reconquista de "Angola", em **1671,** as autoridades coloniais lusitanas ergueram a Fortaleza-Presídio de Pungo-Andongo, que tornou-se uma barreira definitiva ao expansionismo dongo-matambense. A interferência militar dos portugueses no reino foi crescendo cada vez mais, até que estes conseguiram impor um rei à sua escolha ao trono de Dongo-Matamba, em **1763**, subjugando a **região de Malanje** ao **distrito do Golungo Alto (Ambaca)**.

Em suma: A história de Golungo Alto, Cazengo, Ambaca, Lucala e Malanje estão ligadas ao "***Reino Unido Ndongo-Matamba***", solidificada pela língua comum, o **Kimbundu** (e suas variantes).

IV. CAMINHO DE FERRO DE AMBACA *Versus* CAMINHO DE FERRO DE LUANDA

4.1 Caminho de Ferro de Ambaca

O Caminho de Ferro de Ambaca, de acordo com **Deus (2005)**, é analisado nesta abordagem com base na expansão do cultivo do café no Kwanza Norte no final do século XIX e na construção da Linha de Ambaca. Esses factores impulsionaram a formação de aglomerados urbanos, como Golungo Alto e Ndalatando, revelando a influência do projecto colonial e das linhas ferroviárias no ordenamento do

território e no desenho urbano. O estudo da linha ferroviária para Ambaca, encomendado por Andrade Corvo a Ângelo Sarrea Souza Prado, resultou em uma planta do território entre Luanda e Ambaca, publicada em **1876**, que mostra o traçado que conecta o **cais do Dondo no rio Kwanza** e **Ambaca no rio Lucala**. A Carta das Terras entre Luanda e Ambaca, mostrada na **imagem 1**, representa o caminho pedestre entre **Golungo Alto** e **Ambaca**, destacando a substituição desse caminho pela linha de caminho de ferro projectada, evidenciando a presença do poder colonial na região.

Ver, na Imagem 1, a seguir a designação de **Ngola Cafuxe** (no meio da extremidade direita), **Golungo Alto**, fazenda **Prototypo**, **Dondo** e **Ambaca**.

A construção de uma linha férrea, com o objectivo de se substituir o caminho gentílico, era uma das principais reclamações dos "Barões do Café de Cazengo", que se fixaram na região de Ambaca, nas terras de ***Kazengu***, e do soba ***Ngulungu***, no sentido de não dependerem dos arbítrios dos sobas. (*Birmingham, 2003*, ob.cit. **Deus, 2005**, pág.3).

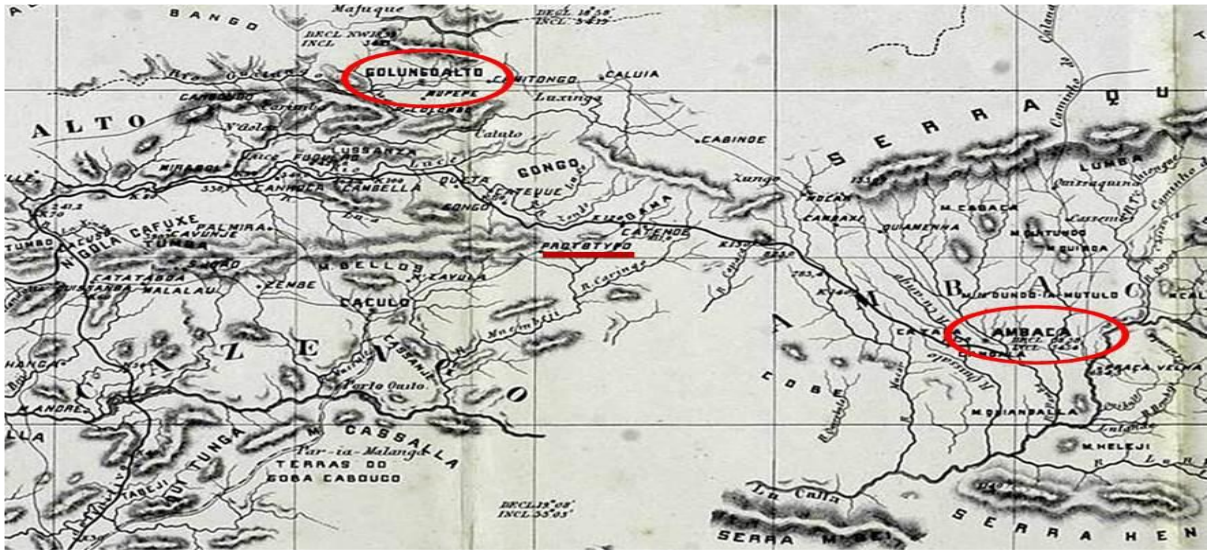


Imagem 1: Extrato da Carta das Terras entre Luanda e **Ambaca** e do Curso do Rio **Cuanza,** do Dondo ao Oceano. *Por Capello e Ivens, compreendendo o traçado definitivo do caminho de ferro. A Comissão de 1877 a 1880.* BNP, http://purl.pt/22525
Na *Carta* observa-se o caminho pedestre que liga Golungo Alto a **Ambaca**, acima do qual pouco é representado. A linha de caminho de ferro projectada, que substitui esse caminho, afirma a marca do poder colonial, na ligação do Dondo a **Ambaca**. (**Deus, 2005**, pág.3)

4.1.1 Missões Botânicas no Kwanza Norte

No início do século **XIX**, **Ambaca** era um importante centro de poder africano, reconhecido pela sua agricultura desenvolvida e pelo seu interesse na produção de café, amendoim ou óleo de palma. Esse interesse atraiu investidores e fazendeiros, especialmente emigrantes luso-brasileiros, que viram em Ambaca uma oportunidade de reproduzir o sucesso agrícola do Brasil. A divulgação da existência do cafeeiro nativo atraiu investidores e promoveu a colonização, reflectindo a estratégia colonial de promover conhecimento científico para afirmar o domínio colonial. Na época, as bagas do café eram referenciadas desde os Dembos, a norte de Golungo Alto, até às margens do rio Lucala, na região de Cazengo. A abundância do cafeeiro, que permitia uma regular recolha das bagas, proporcionou o comércio das populações locais com os marinheiros, que o praticavam na costa, desde a foz dos rios Bengo e Dande até ao porto de Ambriz.
A missão botânica contratada pelo governo português, liderada por Friedrich Welwitsch entre **1853 e 1860**, resultou no reconhecimento de milhares de espécies de flora em Angola, incluindo o cafeeiro robusta. Welwitsch descobriu que o café crescia abundantemente na região do Golungo

Alto, onde fixou residência. Em **1899**, o botânico alemão John Gossweiler foi contratado para estabelecer um Jardim de Aclimatização em Luanda, mas acabou criando o Horto Experimental de Cazengo, próximo a Ndalatando, visando promover o cultivo do café. Ele também participou na Carta Fitogeográfica de Angola, contribuindo para o conhecimento botânico do país. A presença de uma população numerosa e **trabalhadora** na região, combinada com o reconhecimento do potencial agrícola do café, favoreceu a colonização futura. Isso levou ao aumento do comércio legítimo e introduziu mudanças na economia e ordem social das populações locais, além de questões como acesso à terra e contratação de mão-de-obra para as obras do caminho de ferro. Esses eventos reflectem uma transformação social semelhante à industrialização, com uma população significativa e um produto de valor exportável impulsionando o desenvolvimento colonial na região do Kwanza Norte.

4.1.2 Urbanização e a Linha de Ambaca no Ordenamento do Território

A urbanização do território na região ao norte do rio kwanza reflecte a interação entre a população africana e os colonos, especialmente no comércio de produtos, que moldou a sociedade africana pré-colonial. A construção de fortes pelos colonos na proximidade das povoações africanas revela a importância dos aglomerados pré-existentes como centros de actividade económica. Após a Conferência de Berlim no final do século XIX, a colonização intensificou-se, com militares e comerciantes actuando para consolidar o poder colonial, como observado em Ambaca. A presença colonial em **Ambaca**, desde a conquista do forte em **1617** até à construção da primeira linha de caminho de ferro, demonstra a continuidade do domínio colonial e a dependência do comércio agrícola. A construção do caminho de ferro promoveu a actividade económica no transporte de mercadorias e captou o comércio praticado pelas populações locais. A relação entre demografia, comércio e vias de comunicação influenciou a formação de cidades no sertão de Angola, onde as cidades serviram como centros de concentração e difusão cultural, além de serem espaços de organização económica e política.

No contexto da colonização, **Golungo Alto** marca um limite na progressão da colonização para o norte do Kwanza, tornando-se um ponto estratégico devido à actividade comercial, especialmente no comércio agrícola, desde meados do **século XIX**, numa conjugação de factores que conduzem à abertura de casas comerciais, para venda/compra de vários produtos, entre os quais o café, reforçando a **rota comercial que parte de Ambaca** em direção à Luanda. A construção da Linha de **Ambaca** foi impulsionada para preservar as posições defensivas coloniais, captar o comércio local e estender a soberania portuguesa, especialmente durante a definição das fronteiras. A linha ferroviária conectava **Ambaca** ao cais fluvial no **Dondo**, no rio Kwanza, facilitando o transporte de mercadorias e promovendo a instalação de fazendas agrícolas, como a **Prototypo**. A economia baseada na exportação agrícola, especialmente do café, levou à formação de companhias agrícolas, como a **Companhia Agrícola de Cazengo** (constituída em **1900**), e contribuiu para a expansão da actividade agrícola na região. Segundo Acta dos fundadores da Companhia, referente à 1ª Fase, constam as seguintes propriedades no concelho de Cazengo: **Prototypo**, Colónia de S. João, Palmira, N´Dalla Tando e Cagica. No concelho de Golungo Alto consta a Montalegre.

Ver **PAMBA**, na Imagem2, a seguir (no meio-centro, do fim do lado direito)

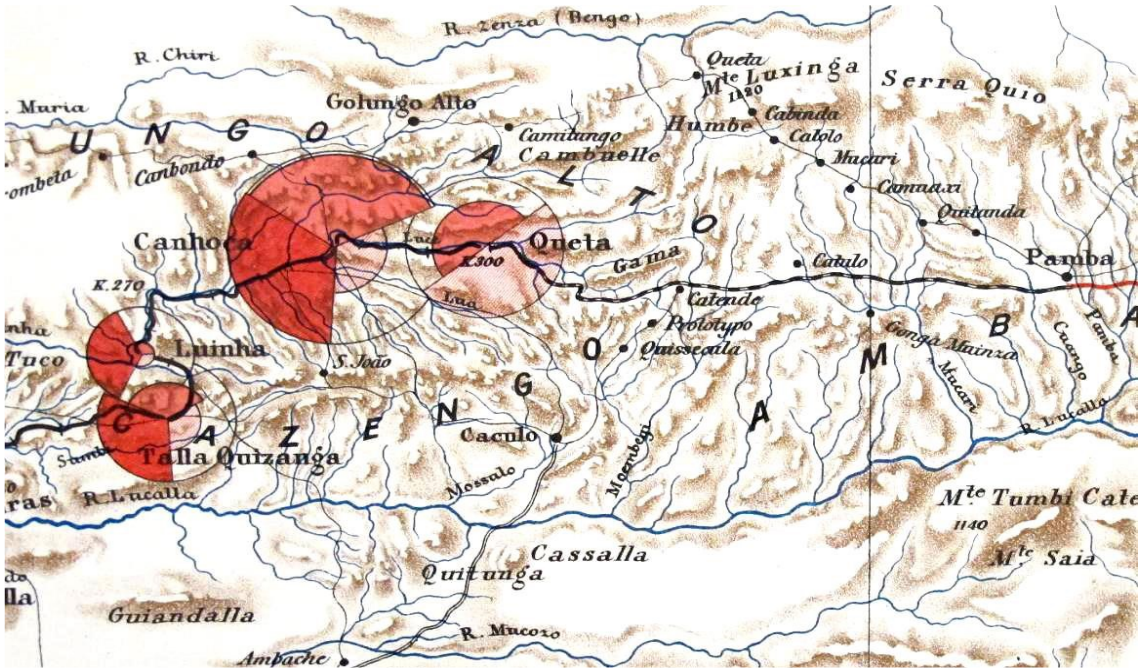


Imagem 2: Álbum de Estatística Gráfica, Companhia dos Caminho de Ferro Atravez d´África, 1894-96. Informação quantitativa dos produtos embarcados na estação da Canhoca, com relevo para o café proveniente do concelho de **Golungo Alto**, principal área de produção. No ano de **1896** constam 4.508 toneladas de café transportadas, correspondendo a 1/4 de todas mercadorias. A linha terminava na estação de Queta (**Deus, 2005**, pág.11).

A prevalência de fazendas no concelho de **Cazengo**, aliada a um relevo favorável para a construção da via férrea, revela-se factor preponderante na expansão da actividade agrícola, mantendo **Ambaca** como destino principal, no apeadeiro de Pemba/**Pamba**, detendo-se em **1899** no limite intransponível na **margem direita do rio Lucala**.

Ver, na Imagem 3, Golungo Alto, Ndalla-Tando, **Cabinda**, Camoma, **Ambaca**, **PAMBA** e Lucala.

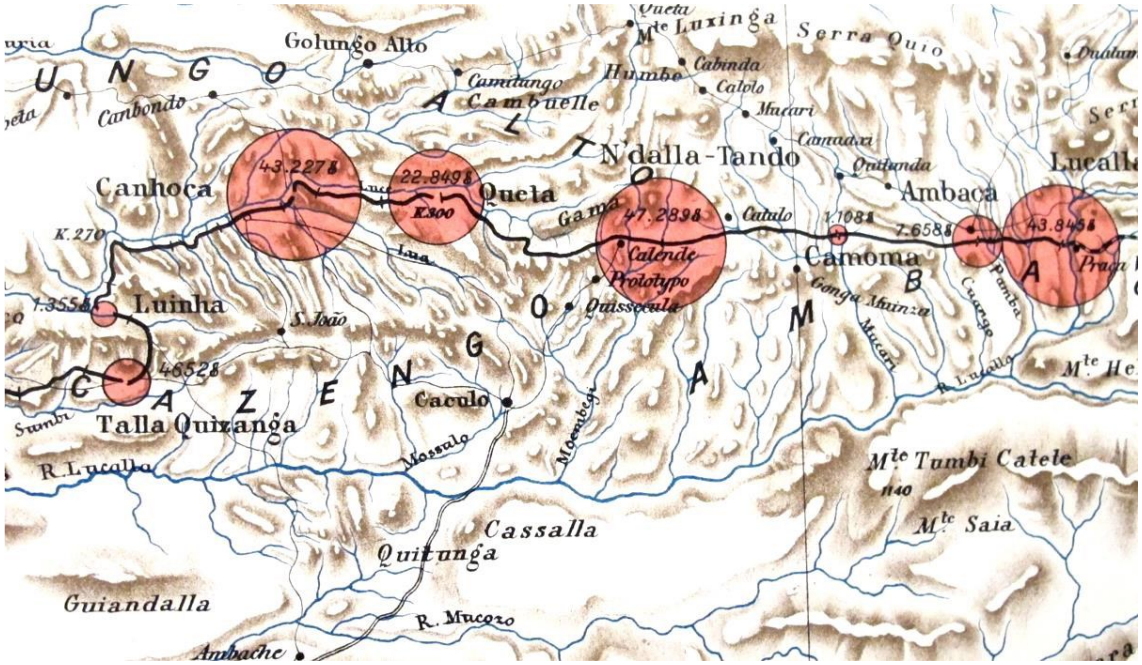


Imagem 3: Álbum de Estatística Gráfica, Companhia dos Caminho de Ferro Atravez d´África, **1903**. A distribuição de produtos ao longo da linha confirma a formação dos aglomerados urbanos, como se verifica com N´dalla-Tando quando a este topónimo estava associada uma fazenda. **Canhoca**, **N´dalla Tando** e **Lucalla**, são as estações com maior rendimento. (**Deus, 2005, pág.11**)

O prolongamento da linha até Malanje, numa 2ª etapa de construção, por iniciativa do governo português, com Paiva Couceiro como governador (**1907-1909**), numa extensão que se desejava "**para-além Malanje**", incentivou o desenvolvimento agrícola e a formação de aglomerados populacionais ao longo da linha. A produção de **café** tornou-se um dos principais produtos de exportação, impulsionando a colonização dirigida no **kwanza Norte** e **Sul**. A urbanização na colónia foi fortemente influenciada pelas linhas ferroviárias, que promoveram o ordenamento do território e a formação de aglomerados urbanos ao longo do seu percurso. A centralidade económica passou de Golungo Alto para Ndalatando devido à importância das linhas ferroviárias no transporte de bens e na concentração de actividades económicas e população. Antes da construção da linha, a proximidade aos aldeamentos indígenas era um requisito para a instalação de colonos, visando obter mão-de-obra e incrementar o comércio legítimo na região.

4.2 Caminho de Ferro de Luanda

O Caminho de Ferro de Luanda (CFL) teve sua origem na década de **1860**, quando o governo português decidiu construir grandes obras de engenharia nas colónias para contribuir para a colonização e exploração dos recursos. Em 1885, a concessão para construir uma linha férrea de Luanda à **Pamba de Ambaca** (actual Lucala) foi concedida ao empresário Alexandre Peres, que fundou a Companhia do Caminho de Ferro Através de África (CCFAA) para realizar o empreendimento. A construção começou em **1886** e enfrentou dificuldades, sendo concluída apenas em **1899**. A operação comercial inicial foi abaixo do planeado, resultando em grandes prejuízos para a CCFAA até 1910, quando o Estado português assumiu o passivo. A construção da linha até Malanje foi retirada da CCFAA em 1902 e entregue ao Estado, sendo concluída em pouco mais de cinco anos. Desacordos entre a estatal Companhia dos **Caminhos de Ferro de Ambaca–Malanje** (CCFAM) e a CCFAA levaram à operação independente dos trechos. A "questão de Ambaca" foi resolvida em **1938** com a nacionalização da CCFAA e a fusão com a CCFAM, formando a Companhia dos Caminhos de Ferro de Luanda (CCFL). Após a estatização, o CFL entrou em um período de prosperidade entre as décadas de **1940 e 1970**, rivalizando em importância com o Caminho de Ferro de Benguela.

Após a independência de Angola, o CFL entrou em declínio devido à redução do volume de carga, falta de investimentos e conflitos armados. A operação foi paralisada, mas foi retomada timidamente em **1991**, após os Acordos de Paz de Bicesse. A partir de **2001**, o governo angolano iniciou um processo de reforma das linhas férreas, restaurando trechos e recapitalizando o CFL. As principais estações do CFL incluem Bungo, Viana, Catete, Zenza do Itombe, Ndalatando, Lucala, Cacuso e Malanje. Actualmente, o CFL possui alguns ramos activos, como o Ramal do Dondo (com 55 km, que liga a estação do Zenza do Itombe - donde se conecta ao Caminho de Ferro de Luanda - à estação do Dondo) e o Ramal do Aeroporto (em construção, que liga a estação de Baia à estação do Aeroporto Internacional Dr. António Agostinho Neto); enquanto outros troços foram desativados, como o Ramal do Golungo Alto (construído entre **1907 e 1909**, ligando a estação de Canhoca à do Golungo Alto); o Ramal de Calumbo (que ligava Viana ao Calumbo); o Anel ferroviário de Cassoneca–Cacuaco (que ligava Cassoneca ao porto de Luanda) e o Ramal do Alto Dande ("Sistema Decauville", de Cabiri até Catete).

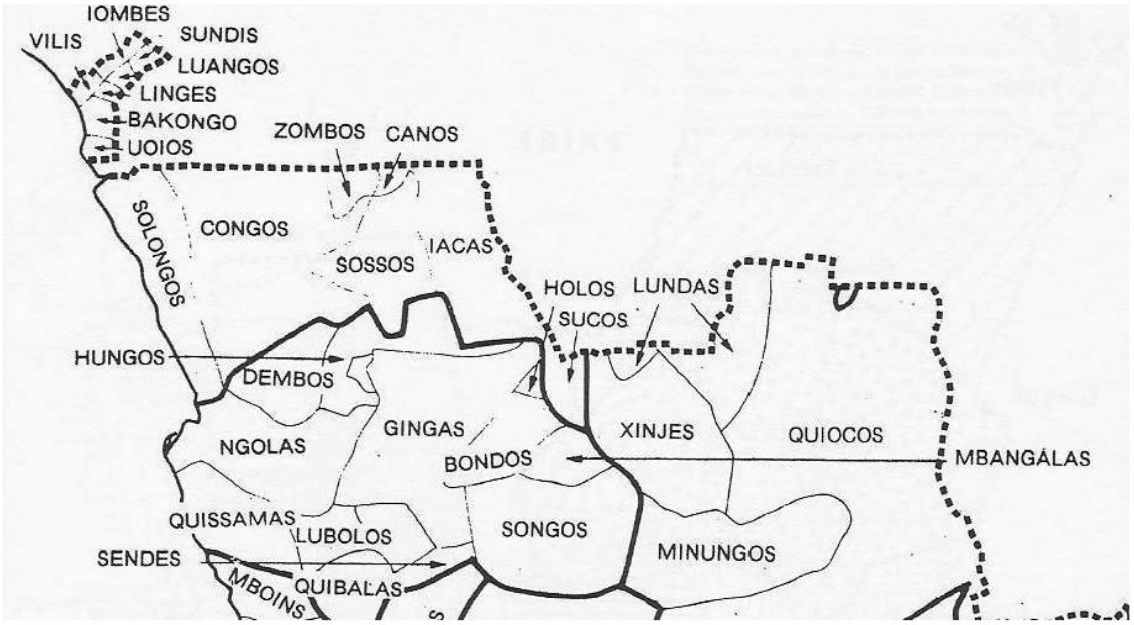
V. HISTÓRIA E CONTEXTO DE AMBACA, CAMABATELA, KITEXE E NEGAJE

5.1 Ambaca e a sua Complexidade Histórica

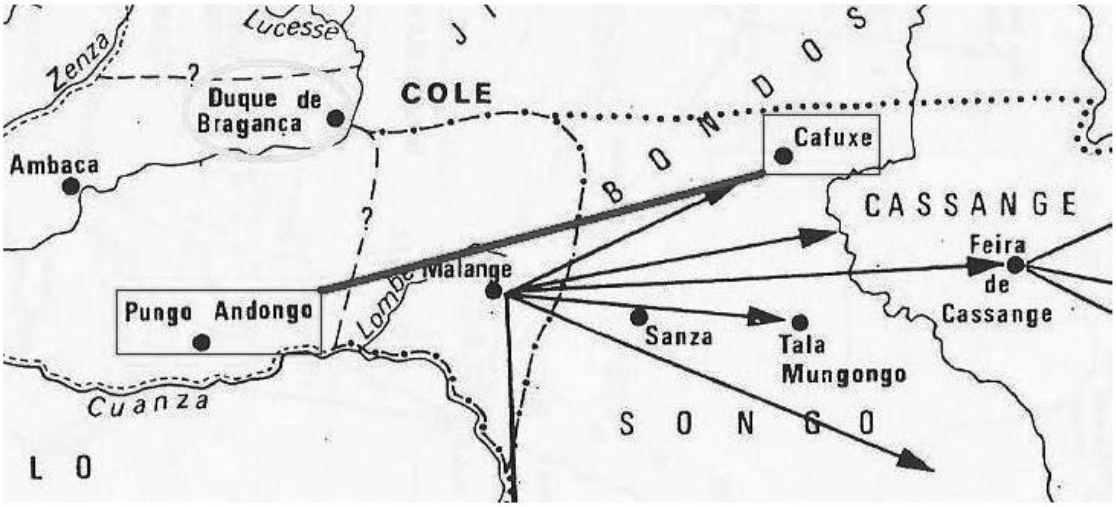
Segundo **Tavares (2009)**, **Ambaca**, localizada ao norte do Rio Kwanza, compreendia as regiões de **Cazengo**, **Lucala** e **Golungo Alto**. Os **Ambakistas**, naturais de Ambaca, eram Comerciantes, alfaiates e mestres na arte de ler e escrever desempenharam papéis importantes nas relações entre a costa e o interior de Angola. Os mesmos, fundaram uma colónia na Lunda entre **1862 e 1887**.

De acordo com **Rosa (2013**, pág. 22**)**, os ambakistas eram assim chamados pela sua ligação histórica ao outrora florescente entreposto angolano de **Ambaca**, eram fluentes em kimbundu e em português, as duas línguas francas dos *hinterlands* de Luanda e Benguela, e muitos deles sabiam ler e escrever.

Conforme **Osório (2016)**, os Imbangalas, povos de Cassanje, em evidência no período de **1849 a 1866**, opuseram-se à penetração portuguesa até o início do século XX, desencadeando guerras que perduraram até **1921**, embora os portugueses, em resposta às rebeliões dos africanos (a revolta dos Dembos em **1872** e as sublevações, em meados do ano de **1874**, dos povos de Malange e **Ambaca**), tenham estendido a sua zona de controlo muito para além do **Duque de Bragança** e procurado assegurar postos na fronteira do Cassanje, mesmo até ao Cunene, embora sem grande sucesso e com a rejeição sistemática às autoridades portuguesas, as quais não tinham real domínio sobre o interior.



Fonte: Recorte do Mapa IV. Mapa etnográfico de pormenor (in Pélissier, René – História das Campanhas de Angola, vol. 2, Editorial Estampa, 3.ª edição, 2013; ob. cit. **Osório, 2016**, pág. 39). A. Osório / *Proelium* VII (11) (2016) 35 – 56



Fonte: Recorte alterado do Mapa VII. O avanço para nordeste da Lunda (**1848-1878**) – ((in Pélissier, René – História das Campanhas de Angola, vol. 2, Editorial Estampa, 3.ª ed., 2013; ob. cit. **Osório, 2016**, pág. 40). A.Osório / *Proelium* VII (11) (2016) 35 – 56)

Em **1856**, o Governador-Geral José Rodrigues Coelho do Amaral buscava a paz com Bumba, líder local, para evitar conflitos prejudiciais aos comerciantes portugueses na região leste do Cuango. (…) O capitão africano **Francisco Van-Dúmen** foi ainda nomeado chefe e director da feira do Cassanje, durante o governo de Ferreira do Amaral (**1882-1885**) e reconstituiu-se o concelho de Talla Mungongo.

Segundo **Rosa (2013**, pág. 24**)**, em **1882**, o explorador alemão Max Buchner reconhecia que de Luanda até ao Dondo viajava-se semanalmente em barcos a vapor pelo Kwanza acima, e depois do Dondo eram transportados em tipoias. Ao longo do caminho, haviam numerosas aldeias e os géneros alimentícios eram sempre oferecidos em quantidade suficiente. **Rosa (2013**, pág. 25**)**, também relata que, em **1873**, Richard Burton fez alusão de alguns manuscritos raros produzidos por *pioneiros* africanos, que tanto contribuiram para o conhecimento de zonas ainda em branco nos mapas da época. Foi o caso de dois **ambakistas**, Pedro João Batista e Amaro José, que deixaram um relato da ambiciosa e bem-sucedida travessia de Angola a Moçambique, entre 1802 e 1811.

Realça-se, que a região de **Ambaca** foi alvo de intensos cercos liderados por **Njinga Mbandi**, visando retomar a rota comercial controlada pelos portugueses. Njinga Mbandi começou a atacar sistematicamente a **fortaleza de Ambaca**, um dos pontos remanescentes do poder português no reino do Ndongo. **Ambaca** ficava às margens do **rio Lucala**, na confluência com o **rio Kwanza**, de onde se poderia facilmente acessar as vias que levavam ao litoral. Nzinga desejava retomar a rota do rio Kwanza, onde os portugueses asseguravam o monopólio comercial e para isso ameaçou várias vezes invadir aquela fortaleza onde poucos soldados lusos guardavam armas e munições.

Fonte: Expansão do poder de **Nzinga Mbandi** nas décadas de **1640-50** (Ob.cit. **Fonseca, 2014**, pág. 12).
Ver: Nzele (Kassanze), Cambambe, **Ambaca**, Kabasa, Kakulu Ka Kabasa (ao norte do rio Lucala)

Etimologia e a confluência histórica: A etimologia do termo "**Ambaca**" remonta à região histórica da **Pamba-Real**, que abrangia territórios desde **Golungo Alto**, **Cazengo** e **Lucala**; e, posteriormente, até ao município de Ambaca/**Camabatela** (passando por Cazengo, Lucala e Samba Cajú). Naquela área encontrava-se o Forte de Ambaca (ou Mbaca), que teve o nome utilizado pelos portugueses como definição para todas aquelas terras na bacia do rio Lucala, facto que foi dado a este quando criado o município. Segundo **Júnior** (**1984**) "*sua mãe, também já falecida, era natural de **Pamba-Real**, **Município do Lucala**, Província de Kwanza Norte".*

História: Segundo a tradição oral local, quando da chegada dos portugueses, a região do município, sob domínio dos **reis Dembo** (do Kibaxi) e "Nigigas"/Njingas (do **Tango**), pôs-se em guerra várias vezes em apoio aos reinos Congo, Dongo e Matamba, para enfrentar os portugueses. Entre **1617 e 1621** combateram os portugueses e os imbangalas; e, em **1622/1623**, envolveram-se em favor dos congos na Guerra Luso-Congolesa.

O actual município de Ambaca/Camabatela começou a ser povoado em **1611** por expedições portuguesas, sendo oficialmente estabelecido entre **1912 e 1920**, com a concessão da categoria de concelho em **1934**. A resistência à colonização foi significativa na comuna do **Tango**, que só foi subjugada em **1917**, possibilitando a instalação da administração base e a fundação de Negaje, Puri, Sanza Pombo e outros municípios na província do Uíge.

5.2 Camabatela Ambundu na Encruzilhada Akongo

Camabatela/Ambaca, actualmente um município da província do Kwanza Norte, tem sua sede na cidade homónima. Com uma área de 3.080 km² e cerca de 82 mil habitantes. Camabatela é delimitada ao norte pelos municípios de Negaje e Puri, ao leste pelos municípios do Alto Cauale e Calandula, ao sul pelos municípios de Samba Cajú e Kikulungo, e a oeste pelos municípios de Bolongongo e Kitexe. O município é constituído pela comuna-sede, correspondente à cidade de Camabatela (ou **Mufongo**), e pelas comunas de Tango, Maúa, Bindo e Lwinga.

Etimologia: **Camabatela** - consta, que seu nome tem origem em um antigo bairro homónimo. Nas proximidades desse bairro existia um rio que em suas margens cresciam árvores espinhosas de folhas largas conhecidas como "**mabatela**" (plural; dibatela/singular, do **kimbundu**), usada para embrulhar alimentos. Nota-se que em kimbundu o prefixo "Ka" é sinónimo de diminuitivo, por isso a grafia correcta seria "**Kamabatela**". Refere-se também que, antes de ser chamada de Camabatela, a localidade era conhecida como **Mufongo**, devido à presença de um arbusto que produzia frutos, a que os populares chamavam de mufongo (parecido/igual ao **loengo**, sul de Angola). Recentemente, e por brincadeira "interna", para "afugentar" (ou atiçar) certo europeu/estrangeiro diz-se que se "envolver" com uma mulher-da-terra não tem volta, porque na "***cama-bate-ela***".

Geografia: Situada a uma altitude de 1178 m, tem 11 600 habitantes.

História: A cidade de Camabatela, fundada em **1611** pelos portugueses e elevada à categoria de vila e sede municipal em 14 de Julho de **1934**, tem uma história rica e complexa. Os portugueses estabeleceram-se inicialmente na região do **Kilalu** em **1611**, expandindo-se para Camabatela e **Maúa**. Acabaram, por fim, voltando novamente para Camabatela, sob pretexto de comércio com os moradores locais. Durante o domínio português, foram erguidas várias obras, incluindo a Igreja do centro da cidade, construída sob a liderança do **frei Samuel de Chiupano** (da ordem dos Capuchinhos/Itália), inaugurada em 23 de janeiro de **1961**, por Dom **Moisés Alves de Pinho**, assim como o Matadouro Municipal, construído na década de **1970**.
Em **Negaje** e **Camabatela** foram formados os núcleos "rebeldes" que protagonizaram alguns dos primeiros ataques da UPA/FNLA, a 17 de Março de **1961**. A revolta fracassou, resultando na prisão em Camabatela dos membros designados como cabeças dos "revoltosos" e as populações nativas regressaram às fazendas sobre o controlo do exército português. Pelos portugueses (comerciantes e militares), foram mortas várias famílias notáveis **ambakistas** então "florescentes" na região, tendo a própria igreja, recém-inaugurada ("catedral" da vila), servida/utilizada de "sorvedouro" para muitos dos seus cristãos, entre eles "intelectuais", artífices (nata do tempo) e o seu **catequista-chefe**. Destaca-se, que Camabatela desempenhou um papel importante durante a guerra para a independência de Angola, seguida da grande aderência aos movimentos de libertação após o 25 de Abril de **1974**.
Nota-se, que embora com uma grande leva de candidatos aos estudos, durante o tempo colonial nunca foi permitido o ensino secundário em Camabatela (por castigo?), pois os que podiam (ou tinham alguns familiares receptivos) tinham de "migrar" para o Negage, Uíge, Salazar (Ndalatando), Malanje ou mesmo Luanda. Houve tentativa de um "estrangeiro" (na década de 1970) construir um colégio privado/secundário junto à igreja da Vila, mas foi boicotado mesmo com as instalações provisórias erguidas e ter anunciado as matrículas e o ano de arranque das aulas, pois aos comerciantes e autoridades locais não lhes interessavam, porque não queriam

juntar os seus filhos aos nativos (a esse nível), já que a escola primária da Vila era quase segregacional (não era para toda gente). Os nativos tinham muita vontade para estudar, pois os alunos "galgavam" muitos quilómetros para se fazer à escola. Camabatela foi também o local de chegada dos padres/freis Capuchinhos em 8 de Junho de **1948** (data de nascimento de capuchinha, vg. China), e um internato foi construído para sacristãos candidatos a frades/padres. A missão católica formou seminaristas notáveis, como Dom Anastácio Cahango, hoje bispo, o então *Frei Emanuel da Kamabatela*, entre outros.

Infraestrutura, Cultura e lazer: Camabatela possui um aeródromo para voos particulares e domésticos. Seu maior património arquitectónico é a magnífica Igreja da Missão Católica, construída nas décadas de **1950 e 1960**, em estilo neomedievalista e romano-gótico, e que tem contornos semelhantes aos grandes castelos europeus. A construção é imponente, possuindo duas torres com arcos redondos duplos, galilé ogival, contrafortes cilíndricos com remate cónico - frequente nas missões angolanas -, constituindo um dos exemplos grandiosos das missões católicas no Kwanza Norte. Assim, **Camabatela** é mais do que uma cidade; é uma encruzilhada histórica e cultural, onde diferentes influências se encontram e se entrelaçam, formando a rica tapeçaria da sua identidade.

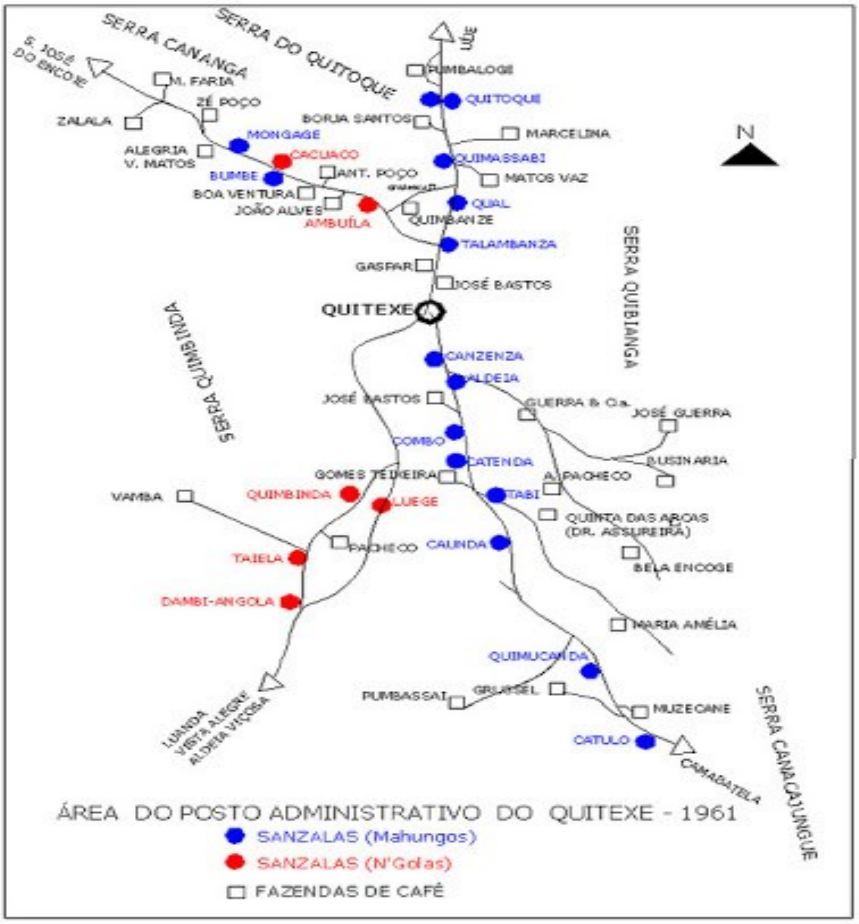
5.3 "Ambivalência" Ambundu e Akongo no Negaje e Kitexe

Aqui, apresenta-se a "ambivalência" ambundu e akongo nos municípios do Negaje, Kitexe, e áreas circundantes, a saber:

1. História: Segundo **Garcia (2016)**, em **1641**, os holandeses apoderam-se de S. Paulo de Luanda, donde só serão expulsos em **1648** por Salvador Correia. Em face da não submissão do Dembo Ambuíla, que impedia a passagem de **pombeiros**/pumbeiros pelas suas terras, Salvador Correia enviou tropas para o submeter. António Teixeira de Mendonça, capitão-mor da Vila de Vitória e de Massangano, reuniu tropas desta vila, das fortalezas de Cambambe e de Muxima e seguiu para a **fortaleza de Ambaca**. Ao seu encontro vieram todos os Sobas-dembos prestar vassalagem, incluindo os dois dembos Dambi Angonga e Quitexi Cambambi. O itenerário seguido por este capitão seria um caminho a leste dos **Mahungos**, segundo a direcção **Ambaca**/Encoge (Dembos/Kitexe). Assim, *remonta a períodos de ocupação holandesa de Angola no século **XVII**, com a rainha **Njinga Mbandi** buscando aliados para **expandir** o "**Reino de Ndongo-Matamba**", em que o Negage foi um centro estratégico durante esses conflitos, e a área testemunhou uma série de batalhas entre forças portuguesas e os aliados de Njinga Mbandi. O território do município do Negaje também foi relevante historicamente, incluindo a localização da antiga capital do "Reino de Ndongo-Matamba", em **Sengas Cavanga**. No **Negaje**, também, se regista o nascimento de importantes bacias hidrográficas na região do **Cazanga**, como as dos rios **Dange** e **Lucala**. A cidade do Negaje é atravessada por um rio de fraco curso longitudinalmente a leste da mesma, o rio **Cáua***.

2. Povos e Etnias: A região foi habitada por diferentes "grupos étnicos", incluindo os Mahungo e os Ngola. Os **Mahungo**, resistiram às pressões de outros "grupos étnicos", enquanto os **Ngola** ocupavam uma área que se estendia do litoral até Pungo Andongo e Duque de Bragança (Calandula). **Mahungo**: Diz-se, que os mahungo estabeleceram-se nesta área empurrados do norte pelos **bassorongos** e **baxicongos** quando estes atravessaram o rio Zaire e começaram a espalhar-se na margem esquerda do rio, talvez no século **XIV**. Resistindo bem a esta pressão conseguiram manter-se durante muito tempo na **parte sul do Bembe** descendo, depois mais para sul.

Constituindo-se em pequenos sobados, os seus chefes (sobas ou dembos) eram subordinados do Rei do Congo. **Ngola**: Os Ngola, residentes nesta área do Kitexe são apenas uma pequena franja deste grupo **kimbundu** maioritariamente localizado a **sul do Dange**, onde estavam organizados no reino independente do **Ndongo** (ou Ngola). Tendo o rio **kwanza** como eixo orientador os **ngola** ocupavam uma zona que ía do litoral até às regiões de Pungo Andongo e de Duque de Bragança. Há uma certa identificação dos **ngola** aos **njinga** que, segundo alguns **antropólogos**, remonta ao tempo em que o sul do Reino do Congo foi invadido pelos njinga.



Fonte: Portal do Uíge e da Cultura Kongo. 2016. Disponível em: https://wizi-kongo.com/historia-do-quitexe

Segundo **Felgas (1965)**, certos autores mantêm a distinção considerando-as duas "etnias" diferenciadas. Esta diferenciação étnica, entre **Ngola** e **Hungo** manteve-se, no **Kitexe**, até aos nossos dias vivendo as comunidades em povoações separadas, mas sem sinais de agressividade expressiva, também pelo facto de pertencerem, na sua maioria a uma igreja comum, a **protestante**. A distribuição destas duas "etnias" por sanzalas, era a seguinte em **1961**: **Ngola** – Ambuíla, Quimbinda, Luege, Taela, **Cacuaco**, e Dambi Ngola; **Hungo** – Quitoque, Quimassabi, **Tala MBanza**, Cuale, Bumbe, Mungage, Catenda, Aldeia, Zenza Camuti, Quimulange, Cahunda, Tabi, Combo, Quimucanda e Catulo. Refira-se, que depois do início da guerra foram poucos os **Ngola**

que se "apresentaram" às autoridades portuguesas, mantendo-se nas **matas** ou, a maioria, refugiando-se no **Congo**. Assim, a **zona do Kitexe** constituiria uma região de cruzamento de migrações e é maioritariamente habitada por povos **Bahungo**/mahungo e **Ngola.**

3. Desenvolvimento Administrativo: Ao longo dos séculos, a região testemunhou várias mudanças administrativas, desde a criação de postos administrativos pelos colonizadores portugueses até a reorganização pós-independência de Angola em **1975.** (…) Sob o primeiro governo de **Norton de Matos** (**1912-1915**) foi publicado um novo regulamento administrativo através da Portaria nº 375, de 19 de Abril de **1913**, pois **Angola** passou a compor-se de 35 circunscrições civis, 25 capitanias, 11 concelhos e uma intendência. Ao aplicar o regime das circunscrições, a província centrou-se no **Distrito de Luanda**, cujos concelhos eram: *Luanda, Cambambe, Novo Redondo, Dande, Ambaca, Cazengo, Golungo Alto, Ícolo e Bengo, Lícolo, Muxima, Pungo Andongo e as capitanias-mores de Amboim, Dembos, Encoge e Quissama*. Esta divisão permaneceu até à Reforma Administrativa de 15 de Agosto de **1914**, traduzido na "Lei Orgânica da Administração Civil das Províncias do Ultramar", que terá criado o **Distrito de Kwanza Norte** que, como vimos, já existia em 1915. (…) Portanto, em **1929** haveria 7 concelhos ou circunscrições no Kwanza Norte, os quais seriam, concelhos e sede: Encoje/Kitexe; Dembos/Kibaxe; Ambaca/Camabatela; Icolo e Bengo/Catete; Cambambe/Dondo; Pungo Andongo/ Cacuso; Cazengo/Ndalatando. (…) Após esta reforma, em **1933**, tudo se modificou. Nessa altura o **Kwanza-Norte** passa de 7 para 3 concelhos apenas (Ambaca, Cambambe e Cazengo). Extinto o concelho do Encoge e transformado em Posto Administrativo sob a imediata alçada do **concelho de Ambaca**, o Kitexe teria baixado à categoria de povoação de 3.ª ordem, justificando (em termos autárquicos) apenas a existência de uma "Junta Local". Situação jurídica que deveria ser comum a todos os postos administrativos. Falando de **Ambaca/Camabatela**, em **1933**, tinha 6 postos administrativos e uma área que ia de **Kitexe** até **Calandula**.

Antes de **1961**, os Postos Administrativos do Kitexe (pertencendo ao concelho de Ambaca/Camabatela) e do Dange (pertencendo ao concelho dos Dembos/Kibaxe) estavam ambos integrados no **Distrito do Kwanza Norte**. Na sequência dos acontecimentos de 15 de Março de **1961**, uma nova reorganização administrativa fez o **Kitexe** recuperar o antigo estatuto perdido (de cabeça de circunscrição), transformando-o em sede da Administração do **Concelho do Dange**, então criado pela portaria nº11740 de 26 JUL. 61. (…) Pouco tempo depois (21 de Julho de **1962**), verificou-se novo reajustamento administrativo, em resultado do qual o Concelho do Dange foi separado do Distrito do Kwanza Norte, de cuja capital o Kitexe dista 300 Km, e passou a pertencer ao **distrito do Uíge**, cuja capital está apenas a 40 Km de distância.
Com a implantação da independência em 11 de Novembro de **1975**, a Lei Constitucional passou a definir no seu artigo 55º: *O território da República de Angola, para fins político-administrativos, divide-se em Províncias, Municípios, Comunas e Bairros ou Povoações*.
As Províncias, Municípios e Comunas, mantiveram, de um modo geral, os limites dos anteriores distritos, concelhos e postos administrativos. **Kitexe**, por exemplo, passou por várias transformações administrativas, desde a sua integração no Distrito de Kwanza Norte até a sua inclusão no Distrito do Uíge após a independência. Deste modo, o **Município do Quitexe-Dange** integra a província do **Uíge** e engloba, além da comuna-sede, as comunas de Aldeia Viçosa (Quitende), Vista Alegre (Quifuafua) e Cambamba.

4. Geografia e Recursos Naturais: A descrição anterior inclui informação sobre a geografia da região, incluindo rios como o Cáua, Dange e Lucala, e destaca a importância desses recursos naturais para o desenvolvimento histórico e económico da região.

VI. KIMBUNDIZAÇÃO *versus* APORTUGUESAMENTO

1. **Contexto Complexo**: A difusão e uso da língua portuguesa em Angola não foram eventos isolados, mas ocorreram dentro de um contexto complexo de intercâmbio cultural e comercial, onde tanto o português quanto o kimbundu foram difundidos e utilizados.
2. **Intercâmbio Cultural**: Os **Ambakistas** desempenharam um papel significativo na difusão do kimbundu e do português. Eles trouxeram consigo não apenas a língua portuguesa, mas também outros artefactos, habilidades e conhecimentos que contribuíram para o intercâmbio cultural entre os africanos e os portugueses.
3. **Intermediários Transculturais**: Os Ambakistas residentes nos chefados africanos actuaram como intermediários transculturais, facilitando uma aproximação diplomática, económica e política entre portugueses e africanos, embora em uma relação desigual.
4. **Influência Declinante**: Com a fundação do Estado Livre do Kongo e a conferência de Berlim, a influência dos Ambakistas começou a enfraquecer, especialmente no território que viria a se tornar a colónia belga. No entanto, ainda haviam grupos, como os **Akwambaka**, que mantinham conhecimentos da língua portuguesa, mesmo após as fronteiras serem estabelecidas.

6.1 O Kimbundu como Língua Franca

1. **Substituição do Português pelo Kimbundu**: Ao longo do tempo, o **kimbundu** começou a substituir progressivamente o português como língua dominante em "Angola". Isso ocorreu em parte devido à socialização dos filhos de emigrantes portugueses por suas mães africanas que falavam kimbundu. A publicação de um **catecismo em kimbundu**, no ano de **1620** e a consequente estandardização dessa língua, conduziu ao **florescimento** do kimbundu nos **séculos XVII e XVIII**, que não só substituiu os diversos "dialectos" kimbundu, mas, em consequência do comércio de escravos, substituiu também o português como ***lingua* franca** em muitas regiões e se estabeleceu como língua escrita. Este processo acentuou-se com a expulsão dos jesuítas e com o encerramento das suas escolas no ano de **1760**, cujas consequências não se restringiram à língua, e que levou a uma **africanização reforçada das "elites"**.
2. "**Elites" Luso-Africanas**: Durante os séculos **XVII e XVIII**, formou-se uma "elite" luso-africana independente, especialmente na região populosa de **Ambaca**. Essa "elite" heterogénea era composta por africanos **negros**, **mestiços** e alguns **brancos**, cuja língua materna era geralmente o **kimbundu**, mas também falavam português e muitos sabiam ler e escrever. Por outro lado, os filhos de pais portugueses, nascidos em Angola (os «**filhos da terra**»), e sobretudo os seus descendentes desempenharam um papel que, com o decorrer do tempo, se foi tornando cada vez mais importante.
3. **Influência e Papel na Sociedade**: Os membros dessa "elite" desempenhavam um papel significativo nas sociedades africanas, ocupando cargos de secretários, intérpretes e conselheiros dos sobas locais. Além disso, muitos ocupavam cargos de liderança nas companhias coloniais e estavam envolvidos no comércio e na "intermediação" com as populações africanas. Associavam-se a eles numerosos **artífices africanos especializados**, por exemplo alfaiates, sapateiros e

carpinteiros. **Ambaca** que, com as suas regiões circundantes, constituía há muito um ponto-chave para o comércio de escravos, transformou-se então num próspero **centro agrícola** e **artesanal**.
4. **Identidade dos Ambakistas**: Ao longo do **século XIX**, os habitantes da região de **Ambaca** desenvolveram uma identidade própria, conhecida como **Ambakistas**. Eles eram reconhecidos como comerciantes intrépidos que se aventuravam cada vez mais no interior de África. Sua influência e prestígio eram tão significativos que muitos imitadores surgiram em outros sobados, frequentemente designados por **quimbari** – que adoptavam os seus costumes e outras características exteriores identificando-se como "**filhos de Ambakistas**".

6.2 O Ambakista e a Língua Portuguesa

A presente abordagem destaca o interesse dos **Ambakistas** em aprender a língua portuguesa e disseminá-la nas regiões onde se estabeleciam, bem como o seu papel como educadores em áreas como leitura, escrita e aritmética. Aqui estão os pontos-chave a destacar:
1. **Ambição de Saber Ler e Escrever**: Os Ambakistas tinham uma grande ambição em aprender a ler e escrever, mesmo em um meio predominantemente analfabeto. Muitos deles eram proficientes nessas habilidades e viam o conhecimento como uma marca distintiva. Não havia **Ambakista** que fosse encontrado sem tinta, pena e algumas folhas de papel. (…) Nos sítios em que não era possível obter tinta e papel, recorriam a outros materiais, como por exemplo a folha de palmeira (como papel: ***ibubulo***) ou de bananeira e, como tinta, a uma mistura de fabrico próprio, feita a partir da casca da cabaça do imbondeiro, ou com base na pólvora para espingardas. (…) Alegadamente os **Ambakistas** também se interessavam muito pela história, direito e costumes portugueses.
2. **Ensino e Educação**: Nas regiões onde se estabeleciam, os Ambakistas não apenas se dedicavam ao comércio e à agricultura, mas também ao ensino da língua portuguesa e outras disciplinas. Eles ensinavam não apenas a seus próprios filhos, mas também aos filhos de seus seguidores e anfitriões locais. No entanto, os **Ambaquistas** não limitaram os seus empreendimentos no interior às viagens comerciais com estadias mais curtas ou mais longas nos locais de etapa ou de destino. Muitos deles também se estabeleceram, durante anos ou décadas, nos chefados africanos. A **maior e mais importante colónia ambakista** foi fundada em **1862**, mantendo-se durante três décadas e meia na **Mussumba**. Houve uma outra em Cabango, junto ao Muansansa, situada na rota meridional de *Quimbundo* para Mussumba, onde Livingstone registou, em **1855**, dez a doze cubatas quadradas de **Ambakistas** que aí viviam como **agentes de comerciantes** de Cassanje. Na segunda metade do século XIX, Carvalho refere que, no seu tempo, ou seja nos anos 80, não havia muitas aldeias lunda que não se pudessem gabar de ter um desses «portugueses», entre o Cassai e o Zambeze, se poderiam encontrar muitos dos chamados «**filhos de Ambaca**» ou imitadores seus. Nas suas novas moradas, os **Ambakistas** não se dedicavam somente à actividade comercial e a uma **agricultura diversificada** para sustento próprio, mas também ao ensino da língua e de outras disciplinas, aos seus filhos, aos filhos dos seus sequazes e aos dos seus anfitriões.
3. **Exemplos de Ensino**: São fornecidos exemplos específicos de **Ambakistas** que actuaram como educadores. O exemplo mais conhecido foi o da já referida **colónia ambaquista na Mussumba**, residência dos reis lunda (actualmente na República Democrática do Kongo). Foi aqui que o seu fundador e dirigente, **Lourenço Bezerra Correia Pinto**, um Ambakista oriundo de **Golungo Alto**, conhecido por **Lufuma**, deu aulas de língua portuguesa, leitura, escrita e aritmética básica em Mussumba, residência dos reis lunda. Em **1887**, Carvalho ainda encontrou junto ao Calanhi, três indivíduos lunda que sabiam falar e escrever o português, pois tinham sido alunos de Lourenço Bezerra. Na região dos Shinje, para lá do Kwango, o Ambakista **Garcia Fragoso dos Santos**, oriundo

de **Malanje**, tinha, entre outras coisas, ensinado os filhos da chefe feminina Mona Samba Mahango a ler e escrever o português e os rudimentos da aritmética. Até no longínquo Lubuco, junto ao Lulua, os **Ambakistas** que aí se tinham estabelecido desde **1871** ensinaram aos seus filhos e aos das populações locais a língua portuguesa, a escrita e a aritmética. A procura era grande, uma vez que os povos reconheciam as vantagens que a capacidade de expressão nesta *lingua franca* representava para as suas transacções comerciais e estavam conscientes de que com aprendizagem da leitura e da escrita «*já não seremos enganados com os recados*».

4. **Uso do Português, Atitude e Estilo**: Embora os **Ambakistas** valorizassem o conhecimento do português, continuavam a falar sua língua materna, principalmente o **kimbundu**. No entanto, eles incorporavam palavras portuguesas em sua conversa e adoptavam formas de tratamento cortês em suas interações, especialmente na correspondência escrita. Os Ambakistas usavam uma linguagem elaborada e rebuscada, com expressões idiomáticas e formas de tratamento cerimoniosas, mesmo entre eles.

VII. O RENASCIMENTO DA "PROVÍNCIA DE AMBACA"

A presente abordagem destaca o renascimento da "Província de Ambaca" (actual Província de Kwanza Norte), associado a investimentos e desenvolvimento económico e social duradouro na região, a saber:

1. **Investimentos e Desenvolvimento Económico**: O renascimento da "Província de Ambaca" está vinculado a investimentos que impulsionem o desenvolvimento económico da região. Esses investimentos devem ter o potencial de **gerar empregos**, aumentar a renda *per capita* e promover o desenvolvimento sustentável.

2. **Desafios e Oportunidades**: Apesar dos esforços do governo e dos investimentos em curso, Ambaca enfrenta outros desafios. No entanto, esses desafios também representam oportunidades. Por exemplo, investimentos em infraestruturas podem criar empregos e estimular o crescimento económico, enquanto programas de capacitação podem fortalecer o empreendedorismo local e promover a inclusão social.

3. **Diversificação Económica e Turismo**: A rica herança cultural e o potencial turístico da "Província de Ambaca" oferecem oportunidades para **diversificar a economia** e atrair investimentos em sectores não tradicionais, podendo contribuir para o desenvolvimento económico sustentável da região.

4. **Necessidade de Abordagem Eficiente**: Enfrentar os desafios de forma eficaz e aproveitar as oportunidades disponíveis são fundamentais para o renascimento sustentável da "Província de Ambaca". Outrossim, isso é essencial para alcançar um desenvolvimento económico e social duradouro na região.

7.1. Antecedentes

A presente abordagem apresenta uma visão geral dos antecedentes e do processo de recriação da "província de Ambaca", bem como sua história e importância cultural, a saber:

1. **Antecedentes da Divisão Administrativa de Angola:** Em tempos remotos, Angola era dividida em várias regiões administrativas, cada uma delas com sua própria estrutura de governo local. De

acordo com **Araújo (2000)**, essa divisão administrativa era baseada em regiões históricas e geográficas, sujeita a mudanças ao longo do tempo para atender às necessidades políticas e administrativas da então Província de Angola.

2. **Reformas Administrativas pós-Independência**: De acordo com **Oliveira (2018)**, após a independência de Angola em 1975, o país passou por reformas administrativas para melhorar a eficiência e a governança em nível regional, resultando na divisão do país em províncias com estruturas administrativas próprias.

7.2. Processo de Recriação da "Província de Ambaca"

Processo de Recriação de Ambaca como Província: O processo de recriação de Ambaca como uma província poderá envolver consultas públicas, debates políticos e análises técnicas. Observa-se, que a necessidade de estabelecer instituições governamentais e infraestruturas administrativas adequadas para apoiar a "Província de Ambaca" exigirá recursos significativos e esforços de capacitação. Além disso, a coordenação e a cooperação com outras províncias e entidades governamentais também se tornarão questões importantes para garantir o **desenvolvimento integrado e sustentável** de Ambaca. Portanto, a actual divisão político-administrativa pode proporcionar oportunidades para o fortalecimento da identidade e da governança local na "Província de Ambaca", apresentando desafios que precisam ser abordados de forma colaborativa e estratégica para garantir o progresso contínuo e o bem-estar das comunidades da região.

7.3. Significado Cultural e Económico da "Província de Ambaca"

Conforme observado por **Araújo (2000)**, a área de Ambaca possui uma história abundante e variada, tendo sido habitada por uma diversidade de grupos étnicos ao longo dos tempos, entre os quais se destacam os povos **Kongo**, **Lunda** e **Ovimbundu**. Estes grupos desempenharam papéis relevantes no progresso da região, contribuindo assim para a riqueza cultural e histórica de Angola. Ambaca é reconhecida pela sua rica herança cultural, manifestada em suas tradições, rituais, música, danças, artesanato e celebrações religiosas.

Segundo **Silva (2015)**, a região é famosa pelas suas expressões culturais singulares, incluindo danças tradicionais, música, artesanato e festividades religiosas. Estes elementos não apenas enriquecem a identidade local, mas também acrescentam à diversidade cultural de Angola como um todo. Ambaca desempenha um papel crucial na economia de Angola devido às suas terras férteis, propícias à agricultura. A actividade agrícola é uma das principais fontes de renda e emprego para muitos habitantes locais. Além disso, Ambaca tem uma posição significativa na economia angolana, destacando-se pelas suas terras produtivas para a agricultura, o que a transforma em um polo importante de produção agrícola. Apesar da sua importância cultural e económica, Ambaca enfrentou uma série de desafios ao longo da sua história.

Araújo (2000) ressalta que, ao longo dos tempos, a "Província de Ambaca" enfrentou desafios significativos, incluindo conflitos e instabilidade política durante os períodos de colonização e pós-independência. Estes conflitos prejudicaram o desenvolvimento sócio-económico da região e afectaram a qualidade de vida da população local.

VIII. CONCLUSÃO

8.1. Recapitulação dos Principais Pontos

Ao longo desta abordagem, se passou em revista a contextualização histórica de Angola, em particular a história e contexto da actual Província de Kwanza Norte, bem como uma breve resenha sobre os caminhos de ferro e o seu impacto na economia e nas comunidades locais. Destacamos a ascensão do kimbundu como língua franca e o papel dos Ambakistas na sua disseminação, o interesse desses agentes em aprender e disseminar a língua portuguesa, assim como a proposta do renascimento da "Província de Ambaca".

8.2. Reflexões sobre o Futuro da "Província de Ambaca"

Reflexões sobre o Futuro da "Província de Ambaca" mostram um cenário promissor, mas repleto de desafios. O renascimento desta região abre portas para o crescimento económico, aprimoramento da qualidade de vida e preservação da sua rica cultura local. No entanto, a superação dos obstáculos persistentes, como a falta de infraestruturas adequadas e o acesso limitado aos serviços essenciais, é crucial. Além disso, integrar Ambaca no âmbito nacional e internacional exige esforços contínuos para fortalecer a governança, fomentar a cooperação e expandir as oportunidades de desenvolvimento.

Para alcançar esses objectivos, propõe-se uma série de ajustes e iniciativas, a saber:

1) Primeiramente, a Província de Kwanza Norte seria renomeada como "**Província de Ambaca**", com a sua sede administrativa estabelecida na cidade de Ndalatando.
2) O actual Município de Ambaca seria redesignado como "**Município de Camabatela**", com a sua sede situada em Camabatela.
3) Em consonância com a justiça histórica, sugere-se a criação de um "**Centro Histórico**" na área conhecida como "**Mbanza Pamba-Real**", antiga capital de Ambaca, localizada nas proximidades do Rio Lucala, no Município de Lucala.
4) Além disso, para promover o desenvolvimento económico e social sustentável da região, propõe-se a criação do "**CEsKA** – ***Corredor Económico-social Kwanza-Ambaca***", melhorando as infraestruturas existentes, incluindo a (eventual) reactivação das vias fluviais nos rios Kwanza e Lucala.

Essas medidas visam não apenas revitalizar Ambaca, mas também estabelecer bases sólidas para um futuro próspero e inclusivo para todos os seus habitantes, com benefício último e geral à economia nacional.

8.3. Considerações Finais e Possíveis Direções para Pesquisas Futuras

O "caso de Ambaca" ressalta a importância de uma abordagem holística para o desenvolvimento regional, integrando aspectos económicos, culturais e sociais. Pesquisas futuras podem se concentrar em políticas específicas para promover o crescimento inclusivo, preservar a herança cultural da região e fortalecer a governança local. Além disso, análises mais aprofundadas sobre o papel dos Ambakistas na difusão linguística e educacional podem oferecer *insights* valiosos para políticas educacionais e linguísticas em contextos multiculturais. Em suma, a história e o futuro de "Ambaca" representam um microcosmo das dinâmicas mais amplas em jogo na construção da identidade e do desenvolvimento em Angola e merecem uma atenção contínua e aprofundada.

IX. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apresentam-se as referências bibliográficas no formato da norma ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) para as obras mencionadas:

1. Nicolau, António Lopes. (2024). "Contribuição à Historicidade da Língua Kimbundu (Angola)". Fevereiro 2024.
2. Araújo, Jaime. (2000). "*Esboço de Revisão da Divisão Político-Administrativa de Algumas Províncias de Angola*".
3. Machado, Carlos. (2016). "Desenvolvimento Económico e Social em Angola: O Caso de Ambaca". Revista de Estudos Angolanos.
4. Felgas, Hélio. (1965). As populações nativas do Norte de Angola, Lisboa.
5. Oliveira, Luísa. (2018). "Reforma Administrativa e Descentralização em Angola". Cadernos de Ciências Sociais.
6. Silva, Maria. (2015). "Cultura e Identidade em Ambaca: Um Estudo Etnográfico". Revista de Antropologia Cultural.
7. Santos, José. (2020). "Desafios e Oportunidades para o **Renascimento de Ambaca**". Anais do Congresso Nacional de Desenvolvimento Regional.
8. Rosa, Frederico Delgado e Verde, Filipe. (2013). Exploradores Portugueses e Reis Africanos – Viagens ao coração de África no século XIX. 1ª Edição, Outubro de 2013.
9. Lima, Mesquitela. (1991). "Angola: Uma Perspectiva Sócio-Antropológica". Revista África Hoje, edição especial Angola, nº 43, de Agosto/Setembro 1991.
10. Chatelain. (1896). Jornal "Kamba dia Ngola (Amigo de Angola)", Nova Yorque. In, Jornal de Angola (Vida & Cultura – Subsídios para a História do Jornalismo Angolense -, de 24 de Novembro de 1991).
11. Kukanda, Vatomene. (1991). "Ambaca: história de uma variante Kimbundu". Palestra proferida no Museu de Antropologia, em Luanda (Junho 1991).
12. Kioza, J. Domingos. (1997). "Patronímicos em Kimbundu". In, Folha 8 (f8, pág. 13), 16 de Maio de 1997
13. Júnior, M. Garcia. (1984). Saudade. Coingra, Lda (Açores), 1995
14. Caetano, Maurício Francisco (Mafrano). (2022). Os Bantu na Visão de Mafrano - Quase Memórias. Antropologia Cultural Bantu (Volume I), Lisboa, Maio 2022
15. Henriques, Isabel Castro. (1997). Percursos da Modernidade em Angola: Dinâmicas Comerciais e Transformações Sociais no Século XIX. Lisboa, 1997
16. Costa, João (Coord). (2013). Njinga, Rainha de Angola – A Relação de Antonio Cavazzi de Montecuccolo (1687). Escolar editora.
17. Portal do Uíge e da Cultura Kongo. Garcia, João Luís Matos Nogueira. História do Kongo, Quitexe. 16 de Outubro de 2016. Disponível em: https://wizi-kongo.com/historia-do-quitexe
18. Heintze, Beatrix. (2005). A lusofonia no interior da África Central na era pré-colonial - Um contributo para a sua história e compreensão na actualidade. Cadernos de Estudos Africanos nºs 7-8. https://doi.org/10.4000/cea.1361
19. Deus, António José Sequeira Afonso de. (2005). Das missões científicas/botânicas às vilas do café no Cuanza Norte. O caso de Golungo Alto e de Ndalatando na urbanização de Angola. Cadernos de EstudosAfricanos nºs 7-8.
20. Tavares, Ana Paula Ribeiro. (2009). História e Memória: Estudo Sobre as Sociedades Lunda e Cokwe de Angola.
21. Osório, Artur. (2016). As Revoltas do Cassange. *Proelium* VII (11) (2016).
22. Fonseca, Mariana Bracks (2014). Nzinga Mbandi conquista Matamba: legitimidades e poder feminino na África Central. Século XVII. Anais electrónicos do XXII encontro estadual de história da ANPUH-SP (Santos, 2014)
23. Dias, Jill R. (2000). Estereotipos e realidades sociais : quem eram os ambaquistas? In**:** Construindo o passado angolano: as fontes e a sua interpretacao - actas do II seminario internacional sobre a historia de Angola / pref. Jill R. Dias, Rosa Cruz e Silva. - [S.l.] : Comissao Nacional para as Comemoracoes dos Descobrimentos Portugueses, 2000. [2306]
24. Dias, Jill R. (2002). Novas identidades africanas em Angola no contexto do comércio atlântico. Estudos e investigações. **In:** Trânsitos coloniais : diálogos críticos luso-brasileiros / Ana Maria Galano Linhart... [et al.] ; coord. Cristiana Bastos, Miguel Vale de Almeida, Bela Feldman-Bianco ; coord. editor. Clara Cabral ; compos. e pag. Celeste Pires ; ca. João Segurado. - Lisboa : ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2002. [434959]
25. Oliveira, Mário António Fernandes de. (1981). Alguns aspectos da administração de Angola em época de reformas (1834-1851) / pref. Jill R. Dias. - Lisboa : Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1981. Lisboa : Serviços gráficos da Universidade Nova de Lisboa. [340421]
26. Linha Férrea de Loanda a Ambaca. 17 de Junho de 2008. Disponível em: https://www.delcampe.net/en_GB/collectables/postcards/angola/angola-portugal-province-de-l-afrique-occidentale-linha-ferrea-de-loanda-a-ambaca-viaducto-do-valle-do-zondo-39939825.html.
27. Freudenthal, Aida. Consultada: 25/02/2024. Disponível em: https://hpip.org/pt/Heritage/Details/2061

X. ANEXOS

ANEXO 1: Visão Geral da Família Faria & Nicolau (FANICOL)

Extracto do **Boletim Estatístico da FANICOL** (Família Faria & Nicolau), Agosto 2023 - *Experimental/Exploratório – nº 02 -*

(...)

Nesta secção, apresentamos uma visão geral da Fanicol (com dados na sua maioria confirmados por elementos das respectivas Regiões), fornecendo informações estatísticas sobre o tamanho, a diversidade e a composição da família. Por exemplo:

- **Número total de membros da família**: 260 pessoas.
- **Número de regiões familiares**: 10.
- **Número de gerações presentes**: 4 (desde os mais jovens até aos anciãos).
- **Distribuição por faixa etária**:
  - Crianças (0-12 anos): … membros.
  - Adolescentes (13-19 anos): … membros.
  - Adultos (20-59 anos): … membros.
  - Idosos (60 anos ou mais): … membros.
- **Número de famílias nucleares**: … famílias.

MEMBROS DA FANICOL

N/O	NOME	Data Nasctº	Idade em 2023	Filhos	Netos	Bisnetos
1	Alfredo António da Conceição Nicolau (***Circuito****/Kadifele*)	07-03-**1942**	81 anos	**8**	**23**	**12**
2	João da Conceição Nicolau (***Muxinda***)	10-10-**1945**	78 anos	**8**	**22**	**1**
3	Suzana António da Conceição Nicolau (***Chinha***)	08-06-**1948**	75 anos	**5**	**10**	**-.-**
4	Nicolau João da Conceição Neto (***Nijó***)	24-10-**1950**	73 anos	**13**	**25**	**-.-**
5	Luzia Rodrigues da Conceição Nicolau (***Gigí***)	12-12-**1952**	71 anos	**14**	**44**	**10**
6	José Paulo da Conceição Nicolau (***Paulito***)	02-02-**1955**	68 anos	**-.-**	**-.-**	**-.-**
7	António Lopes João da Conceição Nicolau (***Tony****/Kizwa*)	12-05-**1957**	66 anos	**8**	**14**	**-.-**
8	Esperança Elvira da Conceição Nicolau (***Pancha***)	16-03-**1960**	63 anos	**5**	**14**	**-.-**
9	Marcelina João da Conceição Nicolau (***Avozinha***)	03-02-**1963**	60 anos	**6**	**9**	**-.-**
	TOTAL MEMBROS		**9**	**67**	**161**	**23**

Fonte: elaboração própria, actualizada em **31/08/2023**

Notas:

(1): Falecido a **23/11/1987; (2)**: Falecido a **04/11/2000; (4)**: Falecido a **31/10/2007; (6):** Falecido a **23/12/1977.**

ANEXO 2: Reprodução de duas Pequenas Histórias de Família

ANEXO 2.1: Homenagem 80º Aniversário de Cristina Rodrigues de Faria

APONTAMENTOS
SOBRE O PASSADO E O PRESENTE DE
CRISTINA RODRIGUES DE FARIA
(**1923 - 2003**: *Versão Exploratória*)

NOTA PRÉVIA:

A pretexto da passagem de mais um aniversário de Cristina Rodrigues de Faria (*Wakujika*) – 80 (oitenta) cacimbos, a completar em **23 de Setembro** próximo – aproveitamos incluir, nesta breve resenha, um pequeno apontamento sobre a família "**RODRIGUES DE FARIA**", uma das famílias «construtoras» do **Ambaca** de ontem e de hoje. (...).

INTRODUÇÃO

Tomámos conhecimento da existência (anterior) de um «**Livro da Família Faria**», que circulava entre os «cabeças» da Família. Sabe-se, que após a morte de João de Oliveira Faria, aos 12 de Setembro de **1959**, o tal «Livro» ficou aos cuidados do seu primo, o Reverendo **Guilherme Pereira Inglês**, que o foi buscar à família, mas que teve destino incerto aquando da morte deste último, vítima do regime colonial, em **1961**.

Num esforço particular, aproveitando os relatos dos mais velhos – as poucas bibliotecas vivas que ainda nos restam – temos procurado indagar sobre as nossas "origens", isto é, saber **de quem viemos?**
(…)

I – APRESENTAÇÃO:

1.1. **Cristina Rodrigues de Faria** e a sua Origem

Cristina Rodrigues de Faria (*Wakujika*), o mesmo que Cristina Rodrigues João de Faria ou Cristina João Rodrigues de Oliveira Faria, e ainda Cristina Rodrigues Lopes de Faria; natural de Cameleji/Tomba (Ambaca), nascida aos 23.09.23; é filha de João de Oliveira Rodrigues de Faria e de Madalena Manuel Pinheiro, ambos de Ambaca. Casada catolicamente, em Camabatela aos 14.12.40, com António João Nicolau (*Kasesa/Masunga*), natural de Cahala (Malanje), filho de João Nicolau, natural de Cabinda (*fiote*), e de Marcelina João Gaspar, natural de Malanje. A Dona Wakujica teve 13 (treze) filhos em 12 (doze) partos. Actualmente, tem 6 (seis) filhos sobrevivos, a saber: Suzana Nicolau Inglês (Chinha), Nicolau Neto (Nijó), Luzia Nicolau Barcileiro (Gigi), António Lopes Nicolau (Tony), Esperança Nicolau Leitão Ribeiro (Pancha) e Marcelina Nicolau de Sousa (avozinha/mãezinha). A mesma, é avó de **60 (sessenta) netos** e bisavó de **28 (vinte e oito) bisnetos**, a maioria, a residir em Luanda.

Quanto à sua origem, a referência remota que registámos data de finais do séc. XVIII (...). Em "Angola", já no séc. XIX, entre **1857-61**, foram considerados anos de expansão comercial, tendo a localidade de Ambaca figurado no roteiro dos comerciantes com destino à grande Feira de Kasanje (Malanje-Lundas). (...). Na época, é de realçar o aparecimento de mulheres (mestiças) a prosperarem nos negócios, como o caso da Dona Ana Joaquina Santos Silva, entre outras (...). Há a registar, entre **1861-62**, uma certa revolta dos autóctones em Kasanje, resultado de possíveis rivalidades comerciais. Lembramos que no século em referência, a par do negócio da borracha, cera e marfim, a "escravatura" era um grande negócio. (...).
Nos tempos idos, «regra geral, os comandantes militares estavam ligados à nobreza e ao clero». (...).

Para o que nos interessa, notámos que **ROGÉRIO SERRANO**, português, nascido provavelmente em Guimarães (Portugal), no séc. XVIII, entre **1790-95**. Rogério Serrano, entre **1830-60** esteve destacado em terras de **Ambaca**, onde teve uma "companheira" de "etnia" ***njinga*** (provavelmente, originária de *Kateco-kangola*) de nome *Mayamba-Njila*, com a qual teve uma filha (mestiça) a quem foi posta o nome de **LUIZA SERRANO** (tcp, *Mayamba*). É família nata do soba Lwamba (parte materna), na povoação de **Lwamba**, Samba-Cajú.

Por razões não bem identificadas (de saúde ou fim de mandato), Rogério Serrano, regressou à Metrópole e (do pouco que se sabe) já não mais voltou à "Angola" deixando sua filha sob «protecção» de um seu conterrâneo a quem recomendara um homem «distinto» para desposar (sua filha) quando atingisse a maioridade.

Crescida, Luiza Serrano, foi desposada por **ANTÓNIO FRANCISCO RODRIGUES DE FARIA** (*Hele-dya-mukulu* ou *Hele-dya-mukuta*), Comandante da ***8ª divisão de Ambaca***, no terreiro do Hangu/Catenda e em terras de Pungo-a-Ndongo, Baixa de Cassanje, Lundas e Lucala. Refere-se, também, que este (Faria) foi eventualmente militar na Índia (nas possessões portuguesas de Goa, Damão ou Dio).

O casal (Faria e Luiza) teve dois filhos, a saber: João e Jacob. Passado alguns anos de vivência, e por questões internas de ordem familiar, Luiza, acompanhado do seu filho Jacob, foram viver em Ndambi-ya-Lucala onde foi "amantizada" com Cristóvão António de Sousa (*Maxinde*), "primo" do primeiro marido. Deste relacionamento teve um filho que morreu aos seis anos de idade. Com esse infortúnio, Luiza, "despegou-se" do velho *Maxinde*, e com o seu filho Jacob foram viver em **Camussaxe**, área do Cuso, onde estava concentrada a sua família materna. Consta que nessa região faleceu Luiza Serrano, assim como o seu filho Jacob; este, vítima de doença de sono. Nesta senda, soubemos que João de Faria ficou aos cuidados da "madrasta" Luzia Pascoal.

Com o tempo, João de Faria fez-se homem e constituiu uma grande família. Entre as "esposas", consta a **Madalena Manuel Pinheiro** (tcp, *Dyande*, filha de Manuel Pinheiro e de Bernarda Agostinho) com a qual teve duas filhas, a saber: Luzia Rodrigues de Faria (mãe da sua primeira neta: Noémia Henriques de Sousa Gomes) e Cristina Rodrigues de Faria. A Luzia deixou filha única, tendo falecido muito jovem, aos 22 anos de idade, em **1942**. Indicam-se dois nomes de irmãos conhecidos de Madalena Pinheiro, a saber: **Agostinho** Manuel Pinheiro e **Tomás** Manuel Pinheiro.

1.2. Cristina Rodrigues de Faria, no Universo dos Descendentes de "RODRIGUES DE FARIA"

O Comandante, António Francisco Rodrigues de Faria (*Hele-dya-Mukulu*), além de Luiza Serrano (avó de Wakujika/xará) teve outras "esposas" (e, por conseguinte, mais filhos), das quais a "memória" somente reteve as seguintes: Luzia José António Pascoal; Marcela Simão; Marcela Manuel Gaspar; Ana Diogo Simão (*Kanzala*); Carolina Fernandes (*Cambalanda*); Maseka; Joana; Wakujica (originária quioco); Ebo; (...).

A nossa fonte não identificou os cerca de cinco filhos de Marcela Gaspar, nem o filho de Wakujika. Porém, notámos que Luzia Pascoal não teve filhos sobrevivos com *Hele-dya-Mukulu*, reconhecendo-lhe os "cuidados" que teve na "educação" de João de Faria.

Por questão de exposição e por falta de dados completos passamos a apresentar uma lista nominal (provisória) aleatória de filhos e netos do progenitor (António Francisco Rodrigues de Faria, falecido em **1942**), que consta o seguinte:

⇒ **FILHOS:**

1. Rosa António Rodrigues de Faria (*Kiafasenge*);
2. Mateus Rodrigues de Faria;
3. João de Oliveira Rodrigues de Faria (*Cambimba*);
4. Jacob Rodrigues de Faria;
5. Ângelo Rodrigues de Faria;
6. Diogo Rodrigues de Faria;
7. Jacinto Rodrigues de Faria;
8. António Rodrigues de Faria Júnior;
9. Rocha Rodrigues de Faria;
10. Serafina Rodrigues de Faria;
11. Miguel Rodrigues de Faria;

12. Diogo Fernandes Rodrigues de Faria;
13. José Coelho Rodrigues de Faria;
14. Balbina Rodrigues de Faria;
15. Suzana Rodrigues de Faria;
16. Diogo Miranha Rodrigues de Faria;
17. Antonica Rodrigues de Faria;
18. Angolar Rodrigues de Faria;
19. Moisés Rodrigues de Faria;
20. Damião Rodrigues de Faria;
21. Joana Rodrigues de Faria;
22. Marcela Rodrigues de Faria;
23. Abril Rodrigues de Faria;
24. (…);

(…).

37. (…).

(…)

Segundo informações, António Francisco Rodrigues de Faria, enquanto jovem, foi também conhecido com o nome de "***Nhanga***". A adopção de nomes portugueses, outrora, provinha regra geral: por via da origem familiar, do baptismo, do "senhorio" ou ainda do padrinho. Há nomes que ficaram na História (…). Para o que nos interessa, por exemplo, registámos em Lisboa uma rua com o nome de "**Rua Rodrigues Faria**", 1300-501. Mero acaso, ou simples coincidência? Pensamos ser uma pista a investigar, em função do que referimos anteriormente! O nosso António Francisco Rodrigues de Faria (*Hele-dya-mukulu*), é filho de **Rodrigues de Faria** (*Maxinde-a-Jungo*), vindo da Índia, mas de ascendência portuguesa; e de **Engrácia**/Laureana (*Kapaxi-ka-Saímenu)*, "mestiça" de Ambaca, uma das "irmãs" de Luísa (ligada aos "*Ingleses"*) e de Guiomar (ligada aos "*Sousa Fernandes"*).

Da informação em nosso poder, registámos os nomes de alguns irmãos de *Hele-dya-mukulu* e dos seus descendentes mais próximos, a saber:

1. Pereira Rodrigues de Faria
2. Esperança Rodrigues de Faria
3. Mateus Rodrigues de Faria

Ainda há a registar alguns meios-irmãos de ***Hele-dya-mukulu***, que passamos a enumerar:

1. Gaspar de Oliveira Agostinho
2. Alexandre Paulo
3. Lucrécia.

II – "ALIANÇAS" E AMIZADES FAMILIARES

Os nossos apanhados registaram de leve que as "alianças" e as amizades familiares mais próximas e significativas de Cristina Faria e dos seus ascendentes/descendentes estão relacionadas com as famílias «*Inglês*», «*Sousa Fernandes*», «*Diogo Fernandes*», «*Ramos da Cruz*» e «*Coelho da Cruz*». Nalguns casos, essas "alianças" resultaram em (uma *"estratégia"* de) casamentos inter/intra-familiares, bem como a saída de laços de bons compadres e boas comadres! (...) Não é fácil "separar" as famílias, embora se encontrem actualmente devidamente identificadas. Cada uma das Famílias saberá contar melhor a sua própria história. Aí, o nosso abraço sincero e fraterno. (...).

III – USOS E COSTUMES DE FAMÍLIA

Geralmente, os usos e costumes estão associados à origem da família e a sua referência territorial - que não coincide com a actual área designada de **Ambaca** - cuja língua materna é o ***Kimbundu***. E para melhor compreendermos o segmento da complexa identidade "étnica" (Ambakista) a que estamos associado, tornar-se-à importante regressar às "origens", assim como o Poeta um dia "sonhou" que: "*às nossas tradições, ... havemos de voltar*"!

Notámos que a "*Mariazinha já não fala* ***kimbumdu***" (...). E há muito resto por acertar. Para *Ambakista* que se preze é preciso rever a situação, enquanto antes (...).

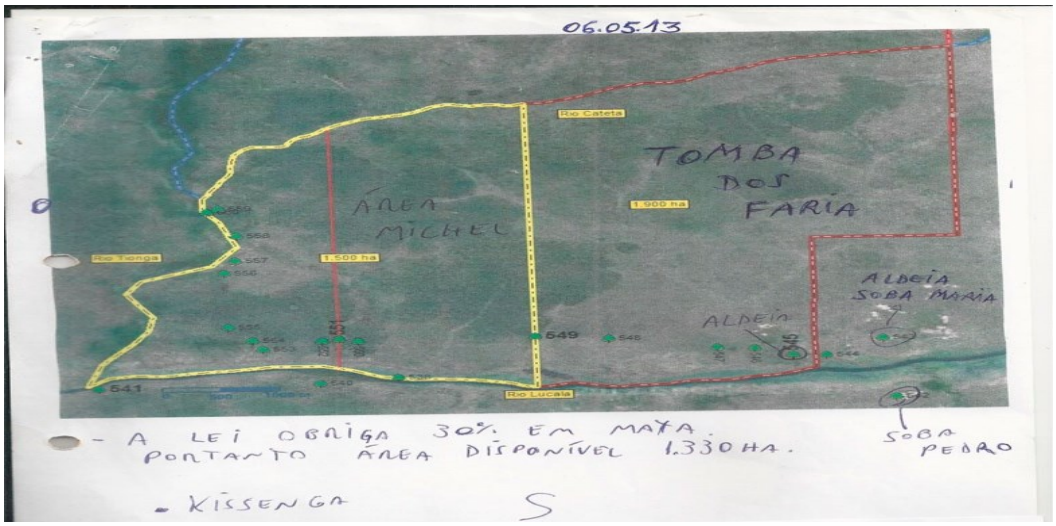
Registámos de uma historiadora portuguesa "amiga" de África, fazendo referência ao séc. XIX, que nos diz: "***Ambaquistas**, Ambakistas ou Mbaquistas são os naturais de Ambaca ou Mbaca – que se vestem à europeia e, em princípio, sabem ler e escrever, ocupando-se principalmente de actividades comerciais*". Eram tidos, também, como os famosos "***Requerementistas***" do tempo! Isto é: tudo era "*preto-no-branco*", os senhores da "pena" de então! (...).

Pontos de Referência Territorial: os descendentes imediatos de "Rodrigues de Faria", são de origem maioritária do Kwanza-Norte, mais precisamente em terras de "Ambaca". Principais localidades: Golungo Alto, Dondo, Cazengo, Pamba-Real, Lucala, Cuso, Pambos-Sonhi, Samba-Cajú, Tomba/Cameleji, etc.

É de notar o caso particular de **Golungo Alto**: consta que os "**Rodrigues de Faria**" foram parar por aquelas terras a procura de negócios, possivelmente, através de **Gaspar de Oliveira Agostinho**, comerciante então residente (irmão materno de António Francisco Rodrigues de Faria). Na época, prosperava o negócio do café no Golungo e no Cazengo, onde se faziam algumas "fortunas". Ainda no Golungo Alto pudemos encontrar um outro familiar: **António José Pascoal** ("filho" de Luzia José António Pascoal, uma das "esposas" de António Francisco Rodrigues de Faria).

Fonte autorizada referiu que, actualmente, o filho de Gaspar de Oliveira Agostinho (**João Gaspar Agostinho**, em Cameleji, com cerca de 70 anos de idade), é o fiel depositário das "malas" com os manuscritos e documentos autênticos da Família "**Rodrigues de Faria**". Informante recente, revelou que os acessos a tais documentos podem ser feitos através de Pinto Miguel de Faria e de Maria Mateus de Faria, ambos no Tomba/Cameleji. O mais velho **Manuel Tomé** (familiar chegado *Inglês/Faria*), com mais de oitenta anos de idade, e a residir actualmente em Benfica/Luanda, é tido como uma das figuras importantes a ter em conta no repositório do historial da Família "*Rodrigues de Faria*". De valor material existe, ainda, algures sob reserva de um familiar identificado uma cadeira e uma cama de campanha do Comandante António Francisco Rodrigues de Faria (tcp, António Rodrigues de Faria).

Pontos de Referência Familiar: verificámos que os descendentes imediatos de António Francisco Rodrigues de Faria, nas suas conversas (para identificação "originária" e se "diferenciarem" dos demais "Faria"), fazem referência ao seu "ancestral" mais próximo em "**Tomba dos Faria**":



Nessa parte do território de "**Ambaca-antiga**" é onde repousam os restos mortais dos antepassados de **Flávio Fernandes Rodrigues de Faria** (Ita/guerrilheiro, "Bombeiro"/"Viking"), filho de *Diogo Fernandes Rodrigues de Faria*: Ver fotos de **1965** (durante a guerrilha/MPLA), in **Memórias (1961-1971)**, ***Dino Matrosse***, pág. 400/03, 2ª Edição, Ed. Nzila, Junho 2007.
Ver, também, **Katanda-Ka-Faria** (**Kijia**/Lucala) e famílias Inglês, Paixão e Quintal – conforme, Rosa Miguel Faria, 4/10/2015.

FARIA, «*Hele-dya-mukulu*» ou «*Hele-dya-mukuta*», com terras/"possessões" em Tomba/Cameleji (Ambaca), onde repousam, nas respectivas "embalas", os seus restos mortais e de familiares mais chegados, em cercania do rio **Lucala** (ao sul), rio seco Cateta (ao norte), rio Tionga ou Kiongua (a oeste, na área Michel herdeiro) e aldeia da soba Maria (a leste), seguido do soba Pedro (embaixo, na outra margem do rio Lucala).

É de notar que, na actualidade angolana, legalmente, "*os usos e costumes locais, profissionais e de empresa só são aplicáveis no caso de falta de normas legais ou convencionais ou por remissão destas*" (in, Lei 2/00 - Lei Geral do Trabalho, DR.6, I Série, 11 Fevº).

IV – PASSAGEM DE TESTEMUNHO E NOTA FINAL

Os tempos passaram e vão passando, e as estórias vão morrendo com os próprios protagonistas. Desleixo dos que partem ou desinteresse dos que ficam? Eis a questão!!!

As estórias que os "mais velhos" contavam deixaram de ser contadas, porque uns já não fazem parte do mundo dos vivos; e os poucos que ficaram ou estão no "desconhecido" ou não se lhes tem dado a devida importância. Os "continuadores" deixaram-se levar na onda do "modernismo" ou estão muito ocupados a acompanhar o "progresso" e não tiveram o tempo suficiente para absorver as "estoriaszinhas da avozinha", pelo que se remeteram ao completo silêncio ou se escusam a conversar sobre o assunto.

Na vã tentativa de recolher alguns depoimentos arriscamo-nos, nesta pequena "aventura", pôr ao conhecimento de todos o pouco que ouvimos e que gostaríamos compartilhar com os demais sedentes em saber mais sobre as nossas "raízes"; ou pelo menos servir como ponto de partida para os vindouros, caso não consigamos apanhar o fio à meada. (...).

Terminamos aqui a nossa singela contribuição à "**história e costumes de família**", reconhecendo que a tentativa de abordagem de assuntos como estes não são fáceis de serem resumidos em breves palavras. «*A vida é curta e o "prazer" ilimitado: ninguém tem tempo para tudo. Na prática somos forçados a escolher entre uma exposição breve e a impossibilidade de expor. Abreviar é um mal necessário, e a tarefa daquele que abrevia é fazer da melhor maneira um trabalho que, até pode não ser do seu "gosto-prazer", é ainda melhor do que nada. Tem de aprender a simplificar, mas sem ir até ao ponto de falsificar. Deve aprender a concentrar-se sobre o essencial de uma situação, mas sem ignorar demasiado muitos aspectos significativos da realidade. Deste modo, pode acontecer que não esteja apto a dizer toda a verdade (porque toda a verdade é incompatível com a brevidade), mas poderá dizer-se mais do que as meias-verdades e quartas-partes da verdade que têm sido sempre a moeda de troca*», pois a verdade-verdadeira é, e foi sempre, relativa.

À **FAMÍLIA**, "*base celular de uma determinada sociedade*", agradecemos a vossa **solidariedade** e apresentamos as nossas sinceras desculpas por erros e omissões.

O NOSSO MUITO OBRIGADO pela vossa paciência!

E.T.: QUALQUER INFORMAÇÃO SERÁ BEM VINDA!

O APONTADOR
TONY (Faria) NICOLAU
(PSFN/ Aprendiz de Contador de Estórias)

OUTRAS FONTES A CONSULTAR:
. Arquivo Histórico Militar – Lisboa
. Torre do Tombo – Lisboa
. Arquivo Histórico Nacional - Luanda

Ambakista, em Luanda, aos 23.09.2003
(***Melhorado, em Março 2024***)

ANEXO 2.2: Homenagem **100º** Aniversário de **António João Nicolau** (*em Memória*)

Homenagem ao 100º Aniversário Natalício de
ANTÓNIO JOÃO NICOLAU
(1915 – 2015)
xxxxxxx00000xxxxxx
APONTAMENTOS E «MEMÓRIAS»

ESCLARECIMENTO PRÉVIO

Dia **3 de Dezembro**, é **dia de *São Nicolau***.

Dia **3 de Julho**, é o dia de aniversário de nascimento de **António João Nicolau**, patrono da FANICOL (*Família Faria Nicolau*).

Atendendo à origem mais próxima da família Nicolau, de vocação maioritária cristã/católica, particularmente o progenitor João Nicolau, em 2003, pensámos dar corpo àquela data (*3 de Dezembro*), dando como pontapé de saída, com alguma actividade/acção que simbolizasse tal iniciativa.

Assim, naquele ano, pretendíamos que a família formalizasse a **semana de S. Nicolau**, no período compreendido entre **1 e 6 de Dezembro**, em *memória ao Pai, Avô, Bisavô e Trisavô* ***António João Nicolau***. Houve atrasos, e com o passamento físico, aos 10 de Dezembro de **2003**, da nossa inesquecível e bem-querida Cristina Rodrigues de Faria, tudo se complicou e nada publicitámos, porque já existia um programa preliminar gizado com a finada e não houve força anímica interior, nos tempos seguintes, para se fazer fosse-o-que-fosse. Em Junho de **2007**, com o ânimo ainda não bem recomposto, mas com a mente espiritualmente em sintonia com os ensinamentos que nos legou (como era vontade dela), neste leve e suave percurso, vimos convidar-vos a partilhar connosco algumas passagens de memórias da família a que pertencemos, tendo em conta que a FAMÍLIA é a célula base de uma determinada sociedade.

Dando continuidade à compilação de apanhados dispersos de informações sobre a(s) família(s) a que pertencemos, não tendo suportado às «tentações» e pressões internas/externas, mais uma vez aparecemos à vossa presença com os nossos rascunhos a abordar assuntos que ainda requerem alguma delicadeza e fineza no trato dos mesmos. Sem querer abusar da paciência que vos é peculiar, desta vez, o nosso trabalho vai direccionado à uma incursão mais ao Norte (Cabinda) e fazer a sua ligação com Malanje e o resto de Ambaca. Porém, convém notar que tanto em Ca-binda como em Malanje encontramos uma localidade com o nome de «Milando»[1]. Todavia, encontramos também no Kwanza-Norte a localidade de Cabinda[2].

Para construirmos tal ponte socorremo-nos da figura de António João Nicolau ou simplesmente "António da Cahala" (de pai Cabinda, de nome João Nicolau, ou simplesmente *João-Cabinda*, como popularmente era referenciado devido à sua origem). Isto é, vindo de Cabinda, a expansão do catolicismo nas paragens de Malanje, Kwanza-Norte e parte do Uíge, está associada à presença de um *cabinda*, continuado pelos seus *tutelados* e descendente directo[3].

---

[1] **Milando**, é comuna do município de Xandele, em Malanje (de acordo com informação de Mateus da Silva Inglês, aos 14.03.07). Porém, vamos consultar também o nosso colega e amigo, natural de Cabinda, cuja graça é ***João Milando***.
[2] Cabinda ou "***Ka-nbinda***", será diminutivo de *nbinda*?! (significa, "cabaça", do *kimbundu*).
[3] Recorda-se, também, a expressão de "*lerpar que nem um Cabinda*"!

INTRODUÇÃO

À semelhança da pequena resenha que, oportunamente, fizemos para a nossa saudosa "Cristina Faria" e esta sede profunda de querer saber **de quem viemos** é a chama que nos leva a trazer aqui estas breves linhas.

Em conversa havida com o mais velho Conceição (António João Nicolau), na altura já com idade avançada, mas bem lúcido, quisemos saber da origem do senhor que veio de Cabinda e se aportou em terras de Malanje. Sendo ele o mais novo dos irmãos (cassule) e tendo saído da vivência malanjina bastante novo, as informações mais antigas em relação à família estavam confiadas aos irmãos mais velhos[4].

Porém, da nossa curiosidade, obtivemos alguns dados que se resumem no seguinte: «*o pai (João Nicolau), limitava-se a dizer que tivera saído de Cabinda aos cerca de 15 anos de idade, na companhia dos padres que o trouxeram até Malanje, pois dos familiares nada restou, porque a aldeia onde viviam havia sido queimada e arrasada, devido aos conflitos (confrontos/guerra) que se registaram entre portugueses e holandeses (ou talvez, ingleses – estrangeiros). Ele sobreviveu, porque havia conseguido refugiar-se junto dos missionários, por isso, evitava falar sobre o assunto, porque alegava que nada mais tinha ficado (…)*». É nossa convicção que, provavelmente, os irmãos mais velhos tivessem mais alguma informação que procuraremos aflorar com os parentes sobrevivos.

Assim, do que vamos apresentar trata-se de uma pequena recolha de relatos dispersos, de alguma consulta bibliográfica (na tentativa de recompor alguns factos), de dados de certidões (narrativas e de casamento) e achegas de pessoas de boa-vontade. Este é um pequeno pontapé de saída, que acreditamos merecerá de outros contributos de mais-valia, e que sirvirá de elemento catalisador para o reecontro das nossas raízes/origens e, fundamentalmente, trazer-nos alguma luz de conforto à nossa inquieta espiritualidade ancestral. Embora, com a esperança do grão-a-grão, reconhecemos com modéstia que a nossa contribuição é mera gota no oceano.

Contamos consigo neste breve percurso, que passamos a apresentar.

I – APRESENTAÇÃO

1.1. **António João Nicolau** e a sua Origem

António João Nicolau (*Kasesa/Masunga*), ou simplesmente António (*da Cahala*), natural de Cahala (Malanje); filho de João Nicolau, *natural de Cabinda*, e de Marcelina João Gaspar, natural de Malanje. Nasceu aos 3 de Julho de **1915** e foi baptizado aos 20 de Abril de **1919**. Profissionalmente, foi carpinteiro e marceneiro e de cuja obra final se repercutiu, com a sua participação activa, na construção da igreja da Missão Católica de Camabatela (*freguesia de S. Francisco de Assis*); orientado pelo bem-aventurado padre Caetano, da Ordem dos Capuchinhos. Também, foi catequista-chefe da mesma Missão, com trabalhos de evangelização nas províncias de Uíge (especialmente no Negage, Puri e Kitexe) e no Kwanza-Norte (essencialmente, no município de Ambaca). Já aposentado por conta-e-ordem-própria, e com o beneplácito dos filhos, por força da guerra (com breve passagem no Bié, município da Nharêa), viveu os seus últimos tempos em Luanda. Foi casado catolicamente, em Camabatela, aos 14 de Dezembro de **1940**, com Cristina Rodrigues de Faria (*Wakujika*), natural de Kameleji/Tomba (Ambaca/Samba-Lucala, em Kwanza-Norte), nascida aos 23 de Setembro de **1923**; filha de João de Oliveira Rodrigues de Faria e de Madalena Manuel Pinheiro, ambos de Ambaca (*Ku-Mbaca*). Os testemunhos (padrinhos) ao casamento foram António Cristóvão Lopes (*irmão-uterino mais velho*) e Esperança Elvira de Almeida Lopes, ambos

[4] Informante avançada da família, realça que a mais velha Marcelina (sua mãe) "suspirava", de quando em vez, a ausência "prolongada" de seu filho cassule (que seguira caminho ao encontro de seus irmãos mais velhos, já em terras de Kwanza-Norte).

casados, e, então, residentes em Vila Salazar; no qual os nubentes declararam «***querer livremente receber-se por marido e mulher e se uniram em matrimónio, procedendo em todo o acto conforme o rito da Santa Madre Igreja Católica, Apostólica, Romana*** (sic)». Em Abril de **1963** foi merecedor da Bênção Apostólica de Sua Santidade o Papa João XXIII, extensiva à esposa e aos filhos. Nova Bênção foi concedida por Sua Santidade o Papa João paulo II aos 24 de Dezembro de **1990**, aquando das bodas de ouro matrimonial. Na sua missão pastoral como catequista manteve-se sempre fiel e temente a Deus, mesmo nos momentos mais difíceis da sua vida, como por exemplo: a morte de um irmão mais velho e sobrinhos em **1961**, a prisão que sofreu (mais o seu filho primogénito) em 1964, o desaparecimento prematuro do seu filho Paulito (soprado pelos ventos de **1977**) e, posteriormente, o falecimento do seu primogénito Alfredo. No pré e pós-independência, soube exercer o seu direito de cidadania, primeiro, no apoio directo (a custo zero) aos guerrilheiros que regressavam das matas, cujos beneficiários e testemunhos ainda vivos podem confirmar. E, segundo, na participação consciente nas primeiras eleições gerais de Angola em **1992**.

O mais velho Conceição ou Nicolau (como também era conhecido), foi pai de 13 (treze) filhos, dos quais, actualmente, estão sobrevivos 5 (cinco), a saber: Suzana Nicolau Inglês (Chinha), Luzia Nicolau Barceleiro (Gigi), António Lopes Nicolau (Tony), Esperança Nicolau Leitão Ribeiro (Pancha) e Marcelina Nicolau de Sousa (Avozinha/mãezinha). Para além dos filhos, os seus descendentes directos, devidamente identificados e localizados, estão alistados em mais de **60 netos,** cerca de **120 bisnetos** e **3 trinetos**, a maioria a residir actualmente em Angola e o restante, temporariamente, na África do Sul (RSA) e Estados Unidos da América (USA).

1.2. António João Nicolau, no Universo dos Descendentes de "João Nicolau & *Ventura Lopes*"

João Nicolau (*João-Cabinda*), ligado à missão católica, provavelmente dentre as paroquianas, teve como primeira esposa uma senhora de origem quioca com a qual teve os primeiros filhos[5].

Das fontes de recolha tivemos a informação de que, por razões não identificadas, a senhora quioca regressou às suas terras de origem, talvez, em companhia de algum seu conterrâneo, deixando os filhos aos cuidados do seu esposo, sem nunca mais dar notícias do seu paradeiro. Soubemos, também, que João Nicolau ao ter os primeiros filhos rapazes sempre sonhou ter uma menina. Nascida a menina nomeou-a sua mãe (Suzana). Por infortúnio, a mesma, faleceu de tenra idade. Não conformado com a situação, não mais quis ter esposa, confinando-se à vida pastoral, até que, segundo versão, os próprios padres o aconselharam a juntar-se a uma senhora cristã, então viúva de Cristóvão Lopes e com filhos menores. Numa primeira atitude achou-se relutante, pelos desgostos, mas acabou por ceder. Aí, então o aparecimento da dona Marcelina João Gaspar a ser desposada pelo homem-da-igreja, João Nicolau, do qual resultou o rebento chamado António João Nicolau. João Nicolau, sempre sonhou com a menina e como não apareceu, preferiu parar por aí, e nada mais filhos apareceram de ambas as partes.

João Nicolau, foi sapateiro de profissão e acabou seus tempos ligado à igreja. No ano em que seu filho, António, havia perspectivado de ir buscá-lo à Malanje, após estabelecido o seu enlace matrimonial, para juntos viverem em Ambaca (Camabatela), o "mais-velho" acabou por falecer em **1949**, ainda em terras de Malanje. Soubemos, também, que João Nicolau foi bastante amável com os filhos encontrados com a dona Marcelina João Gaspar, em termos de tratamento e acompnhamento, o que poderá justificar a nomeação de um *xará* na casa de António Cristóvão Lopes.

[5] Segundo ***Maria da Conceição Nicolau*** (Maria Paulo ou avó Conceição), seu avô João Nicolau (sapateiro), dizia que sua mãe era de Sta. Maria (em Cabinda?!). Depoimento colhido em casa da informante, na Terra-Nova, em Luanda, aos 10.10.06.

Para o que nos interessa de momento com os dados disponíveis, os descendentes (directos e tutelados) de João Nicolau são os que estão relacionados com os irmãos e descendentes de António João Nicolau e que constam do seguinte:

⇒ **IRMÃOS DE ANTÓNIO JOÃO NICOLAU**:

Irmãos PATERNOS (Pai: João Nicolau; **nasc. 00.00.885; falec. 00.00.49; Filho de Nicolau e de Suzana)**

1. **Paulo João Nicolau**[6]: nascido no início do primeiro decénio de 1900, em Malanje. Faleceu nos anos 50.
2. **José João Nicolau**: nascido em meados do primeiro decénio de 1900, em Malanje.
3. **Suzana João Nicolau**: nascida, provavelmente, no final do primeiro decénio de 1900, em Malanje (faleceu com tenra idade).

Irmãos UTERINOS/ MATERNOS (Mãe: Marcelina João Gaspar**)**

1. **António Cristóvão Lopes**
2. **Luísa Cristóvão Lopes**
3. **Teresa Cristóvão Lopes**
4. **Domingos Cristóvão Ventura Lopes**.

N.B: o pai dos referenciados era nomeado ***Cristóvão Ventura Lopes*** (foi "*itinerante"* na zona comercial avançada da **feira de Kassanje**, em Malanje-Lundas).

⇒ **FILHOS DE :**

1. **António João Nicolau;** (nasc. 3.07.15; falec. 9.02.96)
   - **Alfredo** António da Conceição Nicolau (nasc. 07.03.42; falec. 23.11.87)
   - ***Gêmeas*** (*Caculo e Cabaça*) (nasc. 00.00.44; falec. 00.00.44)
   - **João** da Conceição Nicolau (nasc. 10.10.45; falec. 04.11.2000)
   - Suzana António da Conceição Nicolau (nasc. 8.06.48)
   - **Nicolau** João da Conceição Neto (nasc. 24.10.50; falec. 31.10.07)
   - Luzia Rodrigues da Conceição Nicolau (nasc. 12.12.52)
   - **José Paulo** da Conceição Nicolau (nasc. 02.02.55; falec. 23.12.77)
   - António Lopes João da Conceição Nicolau (nasc. 12.05.57)
   - ***Marcelino*** da Conceição Nicolau (nasc. 00.00.59; falec. 00.00.59)
   - Esperança Elvira da Conceição Nicolau (nasc. 16.03.60)
   - Marcelina João da Conceição Nicolau (nasc. 03.02.63)
   - ***(por nomear)*** (nasc. 00.00.65; falec. 00.00.65)

2. **Paulo João Nicolau;** (nasc. 00.00.905; falecido nos anos 50)
   - Maria da Conceição Nicolau (nasc. 23.08.25; falec. 00.00.12)
     (**mãe**: Antónia Mateus João Maria; falecida nos anos 90)

⇒ **NETOS DE** (filhos de)**: Paulo João Nicolau**
(& Maria da Conceição Nicolau)

1. **-** ***José*** *Paulino Botelho Vasconcelos* (faleceu nos anos 90)
2. **-** António Botelho Vasconcelos (nasc. 18.02.48)
3. **-** Paulino José Botelho Vasconcelos (nasc. 00.08.51)
4. **-** Carlos Botelho Vasconcelos (Moreno) (nasc. 29.03.53)
5. **-** ***João*** *Paulino Nicolau Botelho Vasconcelos* (00.00.55; Falec.00.00.77, em Malanje)

[6] Segundo ***Maria da Conceição Nicolau*** (Maria Paulo ou avó Conceição), seu pai Paulo Nicolau, foi contra-baixo da sinfónica militar e actuava na banda do palácio do Governador Geral de Angola. Lembra-se, que o mesmo para se aperfeiçoar esteve em Portugal por volta de 1934, pois, ela já contava com 9 anos de idade (depoimento colhido em casa da informante, na Terra-Nova, em Luanda, aos 10.10.06).

6. **- *Wilson*** *Paulino Botelho Vasconcelos* (07.01.61; Falec. 12.09.07)

Nota: (**pai**: Paulino José Botelho Vasconcelos)

3. **José João Nicolau;** (nasc. 00.00.07; falec.00.00.00)
    - (não se reconheceu nenhum filho. Provavelmente, tenha algum descendente em ***S.Tomé e Príncipe***, onde esteve nos anos de 1934 e que dizia ter deixado mulher concebida)

4. **Suzana João Nicolau;** (nasc. 00.00.12; falec. falec.00.00.00)
    - (não deixou filhos. Morreu de tenra idade)

5. **António Cristóvão Lopes;** (nasc. 00.00.08; falec. falec.00.00.00)
    - Carpinteiro-marceneiro, aprendido com seu cunhado Alfredo Gomes da Piedade (*Kamungemba*) (esposo de Luisa Lopes). Foi, também, Catequista, principalmente, em Ambaca (Camabatela) e Ndalatando. Principal orientador profissional e espiritual dos irmãos, tanto o Domingos como o António (Conceição), que deixaram muitos afilhados (que se tornaram nossos irmãos espirituais, de um apego familiar tão forte, que em muitos casos ultrapassaram os próprios parentes consanguíneos) nas paragens onde passaram. António Lopes (tido, tutor dos restantes irmãos) deixou filhos, netos e bisnetos.

⇒ **FILHOS DE :**

António Cristóvão Lopes; (nasc. 00.00.08; falec. 00.00.00)

- Madalena António Lopes (M. Grande)
- Cristóvão Lopes (Papo) (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.61)
- Pedro Ventura (Fonseca)
- Luiza Lopes
- Pedro V. Lopes
- Marcelina Lopes
- João C. Lopes (v.g. Nicolau)
- Maria Madalena Lopes (M. Pequena)

6. **Luísa Cristóvão Lopes;** (nasc. 00.00.10; falec falec.00.00.00)
    - Pela sua sagacidade, destreza e bom humor deveria ter o título de «*Embaixadora-da-Boa-Vontade*». Recordam-se os mimos que acalentavam o seu cassule, Conceição, já todo grandinho e com netos. A Embaixadora, deixou filhos, netos e bisnetos.

⇒ **FILHOS DE :**

Luísa Cristóvão Lopes; (nasc. 00.00.10; falec. 00.00.00)

- Pedro Gomes da Piedade
- Maria D. da Piedade
- Ana Gomes da Piedade
- Marcelina Gomes da Piedade
- Isabel Gomes da Piedade
- Fátima D. da Piedade
- Alfredo Gomes da Piedade Júnior (faleceu em 2023)
- Domingos Gomes da Piedade

7. **Teresa Cristóvão Lopes;** (nasc. 00.00.12; falec falec.00.00.00)
    - Convivemos pouco tempo. E para alegria da malta deixou-nos uma mana Cristina de uma simpatia ímpar, que se assemelha ao estilo de uma seguidora da nossa Embaixadora, Luísa. A mana Teresa, deixou filhos, netos e bisnetos.

⇒ **FILHOS DE :**

Teresa Cristóvão Lopes; (nasc. 00.00.12; falec. 00.00.00)

- Cristina Francisco (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.00)
- José Francisco António

- Joaquim Francisco António (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.61)
- António Francisco
- Domingos Francisco António (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.07)
- Manuel Francisco António (nasc. 00.00.00; falec. 00.00.00)/Pipica
- António Lopes Francisco (nasc. 12.07.54; falec. 00.00.13)

8. **Domingos Cristóvão Ventura Lopes;** (nasc. 28.02.14; falec. 00.00.61)
    - Bebeu da fonte do irmão António Lopes, tanto na profissão como na orientação pastoral. *Mártir*, reconhecido em terras de Ambaca, da fúria colonial do triste ano de 1961, na companhia dos filhos Pedrito e Ventura (António). Em tempos idos, recordo-me ouvir música em violão *gentio*, em Kanguimbi, Ambaca, em alusão a Domingos Lopes que morreu na guerra: (*Oh! Domingo Lopié-é! Eh! uafuile mu Guelé-é!* ...).

⇒ **FILHOS DE :**

Domingos Cristóvão Ventura Lopes; (nasc. 28.02.14; falec. 00.00.61)

- Cristóvão Ventura Lopes (nasc. 17.10.39)
- Pedro da Cunha Ventura Lopes (nasc. 00.00.42; falec. 00.00.00)
- António Ventura Lopes (nasc. 00.00.45; falec. 00.00.00)
- Maria dos Prazeres da Conceição Lopes (nasc. 28.02.47)
- Domingos Ventura Lopes Júnior (nasc. 26.04.53; falec.00.00.93)
- Marcelina Victória Cristóvão Lopes (nasc.12.04.56)
- José Maria Fragoso Lopes (nasc.17.09.58)

Como poderão ajuizar, outros irmãos por afinidade de António João Nicolau existiram, tanto por parte dos irmãos paternos (de confirmação remota, por se perder o fio de ligação *quioco*) como dos irmãos maternos (de confirmação possível, através dos nossos parentes sobrevivos em Luanda e Malanje). Convém ressaltar, aqui também, os irmãos conhecidos e alguns familiares próximos de Marcelina João Gaspar (mãe do mais-velho Conceição), a saber:

⇒ **IRMÃOS E SOBRINHOS DE** MARCELINA JOÃO GASPAR:

1)Irmãs:

- Bernarda João Gaspar
- Maria João Gaspar

2)Sobrinhos:

2.1)Filha de **Bernarda João Gaspar**

- Domingas Francisco Afonso

2.2)Filho de **Maria João Gaspar**

- Rosário João

N.B: *neste capítulo, continua em curso a recolha de mais dados que permitirá uma maior amplitude e desdobramento da extensão familiar. Nesta senda, contamos com o apoio de familiares mais velhos conhecedores das nossas origens.*

II – "ALIANÇAS" E AMIZADES FAMILIARES

Os nossos apanhados registaram de leve que as "alianças" e as amizades familiares mais próximas e significativas de António João Nicolau e dos seus ascendentes/ descendentes estão relacionadas com as famílias «*Ventura Lopes*», «*João Gaspar*», «*Fragoso*», «*Cosme*», «*Piedade (Camunguemba)*», «*Rodrigues de Faria (Hele-diá-mukulu)*», «*Inglês (Mbwambwa)*» e «*Sousa Fernandes*». Aqui, também, as *"estratégias"* de casamentos inter/intra-familiares foram tomadas como forma de alianças, bem como a saída de laços de bons compadres e boas comadres! (...) Saudamos ser salutar que cada família, em particular, assuma na plenitude contar e cantar o melhor da sua própria história, legado dos que já passaram. Estendemos, com sinceridade, a nossa mão de amizade fraterna. (...). É bem sabido, que a nossa gratidão às famílias é vitalícia. Bem hajam!!!

III – <u>USOS E COSTUMES DE FAMÍLIA</u>

Geralmente, os usos e costumes estão associados à origem da família e a sua referência territorial. Para o caso em questão, encontrámos uma simbiose *"**Cabinda-Lunda-quioco-e-Ambaca**"*! (...).

Pontos de Referência Territorial: os descendentes imediatos de António João Nicolau, estão essencialmente identificados nas localidades do corredor Luanda-Cazengo-Lucala-Ambaca (Camabatela). Eventualmente, outros familiares estarão em localidades do Bengo, Cacuso-de-Malanje, Malanje, Lundas, etc. No que se refere à Cabinda, devido à forma e ao tempo distante da retirada de João Nicolau, carece de mais buscas para se confrontar com os poucos dados disponíveis. Mesmo assim, das pistas que temos confirmam que no período da sua retirada estavam já em decadência os antigos reinos de Cabinda então existentes (Loango/loango – ao norte; Cacongo/lândana – centro/leste; e Ngoio/cabinda – ao sul). Na documentação em nossa posse refere que António João Nicolau é filho de João Nicolau (tcp, João *Cabinda*, sapateiro), *natural de Cabinda*. Com esta referência, em princípio, é justo deduzir que os ascendentes de João Nicolau foram do reino de Ngoio/cabinda. Esta trajectória poderá ser melhor explorada em consulta de documentos ligados aos missionários (padres católicos) que aportaram Cabinda e depois, provavelmente, foram forçados a retirarem-se para Malanje, levando com eles os seus rapazes (provavelmente, ajudantes/sacristãos). Se fizermos uma pequena incursão do que aconteceu muito recentemente com as deslocações e destruições das populações/quimbos em tempo de guerra, facilmente será entendível o *drama* das estórias ocorridas com as populações dos então reinos em Cabinda.

Pontos de Referência Familiar: verificámos que para além dos familiares supramencionados há uma grande cadeia de entrosamentos familiares[7], cuja explicação não cabe neste pequeno rascunho. A título de exemplo temos a família Kaueto, a família Gonçalves: os primos Jerónimo, Felícia, Gigi, entre outros. Temos as ***irmãs-espirituais*** das famílias Calengue, Canhanga, etc. É assim, que por terras de Ambaca os nossos pais eram chamados/tratados respeitosamente por padrinho/madrinha (pelos mais velhos) e de avô/avó (pelos mais novos); sem ter em conta os demais e inúmeros *xarás*. Fizemos uma busca de referências de nomes e apelidos e encontrámos «***Nicolau***», «***Conceição***», «*António da* ***Conceição***» e «***Cristina***», principalmente em Kwanza Norte e Sul, Luanda, Zaire, Cabinda e Lisboa. Encontrámos referências de «Nicolau» no papado em Roma, nos Czares da antiga Rússia e em outros países da Europa, particularmente na Europa de Leste. O nosso «Nicolau» deve ter origem na igreja católica ou mesmo, remotamente, de um embarcadiço português; pois encontrámos no norte de Angola, por volta de **1641/3**, um tal Jacinto <u>Ambriz</u> (provavelmente, o que deu o nome a mesma localidade) pai de um filho com o nome de **<u>Nicolau</u>** - que fazia viagens até Cabinda e vice-versa.

Falando da localidade de Cabinda, alguns admitem que o nome tenha derivado da aglutinação da última sílaba de Mafu***<u>ca</u>*** (intendente geral do comércio)[8] com ***<u>Binda</u>*** (nome próprio do mesmo) o que dá Ca-binda (nome do porto e da terra). Para os nativos, o local referenciado, era *tshiowa* ou *kiowa*[9] (NGuma, p.18/19).

Em NGuma, encontrámos a informação que segundo os ancestrais e monografias os povos de Cabinda são originários (provavelmente) de *Kongo-dia-Ntotela* (Mbanza-Congo/Reino do Congo), que derivaram os reinos de NGoio (sul), Cacongo (centro) e Loango (norte), então tributários do Reino do Congo. Onde se situava o palácio do rei do Loango funciona, actualmente, a <u>missão católica do Loango</u> (idem, pp.20/22).

É *mister* saber que cada povo tem os seus usos e costumes, tem a sua maneira de ser e estar na vida, portanto tem a sua história; isto é, tem a sua identidade própria. E nós que somos o resultado dum cruzamento <u>*Tshiow´binda*</u> e ***nbundu***, o que fazer! Rebuscar às origens para podermos entender alguns

[7] Ver por exemplo, ***João Faria Ventura Lopes*** (Tio Faria, em Malanje).
[8] Na língua kimbundu, significa fidalgo (ver, também, NGuma, p.24).
[9] Na língua kimbundu, significa asno/pateta. Ver em NGuma a designação colonial desapropriada da língua <u>*fiote*</u> (idem. P.33)

comportamentos e atitudes, estudando e aproximarmos cada vez mais, não para buscar algum dividendo material, mas simples *aconchego* espiritual para o equilíbrio emocional, com a finalidade de criarmos uma nova imagem da nossa ancestralidade e podermos transmitir às novas gerações, ávidas do conhecimento, que é cada vez mais global. Donde viemos e aonde vamos! Há quem avente que o nosso ***modus vivendi***[10] é de certo modo mestiçado/crioulo, referindo-se à dupla, tripla ou mais posições quando em situação de conflito ou conflitos, mesmo que geracionais!

Um *Tshiow´binda*[11] ou um ***nbundu,*** para fazer chegar ou transmitir a sua mensagem, sempre utilizou termos proverbiais como forma filosófica, madura do ancião se pronunciar, (…) representando um alto grau de sabedoria popular. Aqui reside, talvez, a sentida necessidade espiritual de assumirmos o nosso passado histórico-cultural, com forte pendor cultural, entendida a cultura como sendo uma *manifestação espiritual e global em todos os aspectos*: experiências acumuladas através dos tempos, assentes em investigação pessoal sobre a pré-história, tradição oral, linguística, arqueologia, etnologia, toponímia, egiptologia e antropologia, entre outros documentos consultados de diversos autores.

IV – EXCERTO DA HISTORICIDADE DE CABINDA (1491-1900)

A presença e o contacto dos portugueses com os cabindas deram-se no remoto ano de **1491**, final do séc. XV e início do XVI, que deram sustento ao comércio triangular do tempo do tráfico de escravos, cuja principal mercadoria era o homem robusto, para além do marfim, ouro e outros tantos produtos. A estadia portuguesa foi bastante contestada por outras potências europeias, especificamente pela França, Inglaterra e Holanda que utilizavam os portos da região para o tráfico de escravos.

De **1580** a 1640, a holanda dominou cabinda. Os padres capuchinhos instalados na foz do Zaire faziam tudo para que os holandeses e ingleses deixassem de comprar escravos, conseguindo os padres fechar-lhes o porto[12].

Em **1685**, um capitão inglês, repelido do porto de Soyo conseguiu fazer aliança com D. António Barreto, conde de Soyo, do que veio a resultar uma incursão pelo reino de Ngoio, que os ingleses vieram a saquear.

Em **1702**, devido a fortes rivalidades no comércio de escravos, barcos franceses e ingleses guerrearam-se, entre si, tanto que os franceses pediram em auxílio aos padres capuchinhos do Zaire (Soyo). Por sua vez, os ingleses conseguem captar as boas graças do rei do Ngoio, que manda arrasar a feitoria franCEsKA.

No ano de **1722** uma armada portuguesa, aproveitando-se do conflito entre ingleses e franceses, voltou a ter o domínio da região. Em 1723 arrasou um fortim inglês, passando a partir daí a ser ameaçada por navios franceses. Consta que em 1768 os padres franceses da missão de Cacongo, na área de Tando-Zinze chegaram a reunir 300 marinheiros da sua nacionalidade.

Em **1784** foi o ano em que se obteve a capitulação dos franceses, cujo forte inacabado foi parcialmente destruído e restabelecida a ordem. Por outro lado, os ingleses procuraram intensificar o comércio com os indígenas firmando tratados com os régulos.

---

[10] Veja-se aqui o alcance do casamento tradicional em comparação ao amestiçado: a união dos recém-casados se associa, também, a união das duas famílias (as famílias dos noivos), entendida como sendo os pais, irmãos, tios e outros parentes mais próximos. É entendido que para um bom casamento duradoiro é necessário o apoio, a simpatia dos cunhados e sogros; o contrário, seria uma farsa, sem solidez e de fraca duração (idem, p.32).

[11] Ou simplesmente *Tshiowbinda*, simbiose de arranjo pessoal, não vinculativo, de proposta de nome derivado de Tshiowa+Ibinda (idem, P.34). Ver, também nas Lundas, ***Tshibinda***, em Castro Henriques/Isabel, 1997, pp.159 e 767.

[12] (…) depois dos portugueses terem instalado algumas feitorias, surgiram os ingleses, franceses e holandeses, estes últimos, que deixaram obras de relevo aquando da sua ocupação efectiva no conturbado período de **1580-1648**. Portugal procurou resolver essas contendas-contradições fazendo alianças com outras potências. E o caso do tratado luso-britânico, de 26 de Fevereiro de **1884**, no qual Portugal obteria vantagens em possuir as terras ao norte de Ambriz, mas que outras potências refutaram (cfe. Nguma, 2005, pp. 45-50).

Entre **1824-1829**, o Governador de Angola chama-se **Nicolau** de Abreu Castelo Branco[13].

Em **1841** os Ingleses chegaram a Malembo e tentaram ocupar Cabinda, mas são repelidos graças a acção de alguns naturais encabeçados por José Puna e Francisco Franque. Os territorios a norte do rio Zaire foram seriamente cobiçados e disputados por Portugal, França, Bélgica e Inglaterra, o que demonstra quão era disputada Cabinda entre as potências europeias, criando situações embaraçosas no seio das populações autóctenes. Estas disputas culminaram com a segmentação do reino do Loango, do Ngoio e de Cacongo. Portugal procurou resolver essas contendas-contradições fazendo alianças com outras potências. Vejamos o caso do tratado luso-britânico, de 26 de Fevereiro de **1884**, no qual Portugal obteria vantagens em possuir as terras ao norte de Ambriz, mas que outras potências refutaram[14].

Em **1878** foi o fim oficial da escravatura, decretada em 1869[15].

A perda de «*independência*» dos antigos reinos, da actual Cabinda, resulta dos seguintes tratados com os portugueses[16]:

a) **1883**, aos 29 de Setembro, tratado de Chinfuma (**Cacongo**);
b) **1884**, aos 26 de Dezembro, tratado de Chicamba (**Loango**); e, finalmente,
c) **1885**, a 1 de Fevereiro, tratado de Simulambuco (**Ngoio**).

É de sublinhar, que em 15 de Fevereiro de **1884** foi o início da conferência de Berlim, onde participaram a Alemanha (anfitreã do chanceler Bismark), França, Inglaterra, Portugal, Bélgica, Espanha e E.U.A. A Holanda ficou de fora. (…). O término do tratado foi em 1885 e a partilha efectiva em **1886** (….). Na época da partilha europeia da África, o europeu concebia-a como uma imensa terra vazia e sem mestre, onde tinham o livre-curso a anarquia, a selvajaria e a escravidão, donde a sua acção se destinava a levar a civilização e progresso aos africanos[17].

Em **1890**, as operações militares portuguesas destinadas a assegurarem a ocupação efectiva provocaram revoltas africanas em várias regiões de Angola[18].

1897-1900 – Governador, António Duarte Ramada Curto (com 2º mandato aos 1904-1906, provavelmente, altura em que João Nicolau chegou à Malanje, em companhia dos padres católicos (capuchinhos ou Jesuítas?!); ou então na governação de Francisco Xavier Cabral de Oliveira Moncada – 1900/1903) [19].

V – PASSAGEM «FORÇADA» À RESERVA DA VELHA-GUARDA E O DESPONTAR DA NOVA-GERAÇÃO

Se antigamente, o velho ditador Salazar pregava que «o trabalho dignifica o Homem», hoje, o meu vizinho Roque reclama que afinal «*o trabalho **danifica** o homem*»! Verdade, ou mentira, (…) falou e disse, e ainda mais, *repitiu, tripitiu, quadripitiu, quintupitiu, sextupitiu,* (…) e para dar mais raiva na cara, aconselha todo mundo a trabalhar, menos-eu-e-ele! (*pois, já trabalhámos demais e precisamos, também, de descansar à sombra de uma grande jingubeira*!).

[13] HENRIQUES, Isabel, 1997, p.710.
[14] NGUMA, 2005, pp.45-50.
[15] HENRIQUES, Isabel, 1997, p.706/7.
[16] NGUMA, 2005, p.57.
[17] NGUMA, 2005, pp.51-53.
[18] HENRIQUES, Isabel, 1997, p.707.
[19] HENRIQUES, Isabel, 1997, p.711. Este exercício, é uma tentativa da procura das "reais" motivações da (e)migração definitiva de João Nicolau, bem como encontrar outras pistas, que achamos ser possível encontrar através de estudos nos arquivos católicos de Cabinda, Luanda e Malanje.

Senhoras e senhores, mais-velhos (ou melhor, jovens-antigos), sou a anunciar que as próximas estações estão a chegar. Hão-de faltar apeadeiros e o comboio de regresso estará cada vez mais próximo, porque o apito, também, deixará de apitar e o pouca-terra, pouca-terra, … já era, uma vez!

Assim, quando a hora chegar, descansaremos em paz em nossas tumbas se de facto soubermos ser audazes e perspicazes com os nossos mais-novos, estes e outros. Outrora, dizíamos ao Ti-Nicolau (*Man-Nicas*), mesmo àqueles - os da-tarracha, os do-arrasca ou os da-***talocha*** - são nossos filhos. Bem ou "mal-educados", devemos assumi-los na plenitude; pois, são frutos da guerra, do desleixo, da conjuntura, do *etceterrá*. São filhos de Angola que os saberão guiar, se os abençoarmos e lhes entregarmos a **tocha** para a senda de cada um, neste mundo, às vezes imundo, cada vez mais global-e-mais-curto. Morrer de fome ou à fome, não é nossa sina, abram alas e deixem a caravana passar (…). Existem os «meninos de rua e na rua»; e não queiramos transformar os nossos em "***Meninos sem Rua***". É o que nos vai na ALMA! (…). E bendito-seja-Deus-que-nos-uniu-no-Amor-de-Cristo. *Amen*...(doim)!

Honremos a nossa parte e deixemos que a história se encarregue do resto! *Mahezu, enu mujingana*! (…), *mukonda:* ***Masunga*** *kota, Wanga Ndengue*!

VI – CONSIDERAÇÃO FINAL

Há muito ainda para completar este pequeno *acepipe,* mas entendemos que o espaço não é próprio, nem tão-pouco haveria "*tutú"* para agradar tanta malta!!! O que apresentamos, é um simples pontapé-de-saída para despertar a *consciência* dos mais-velhos e despontar a curiosidade dos mais-novos. Talvez, no cruzamento possa sair uma abordagem mais apurada. Por exemplo, é bom saber das famílias a ligação entre Mateus Inglês, Maria Ventura Lopes (*Vunje ya Ventura*), Luísa Mateus Inglês, Clemente Francisco de Sousa, Campos e Katerça Clemente de Sousa; e, por último, o próprio António João Nicolau. Pelos apelidos, denota-se que se está em presença de várias famílias. Experimente o *puzzle* e verá como é interessante! A nossa experimentação encontrará algum respaldo na nossa reflexão, ainda na forja, com o título de «***Os Meus Sonhos e os Caminhos da Vida***».

Para finalizar, reiteramos às "**FAMÍLIAs"**, o nosso mais sincero e profundo respeito, consideração e admiração. Agradecemos a vossa compreensão e **solidariedade** pelas nossas fraquezas e insuficiências; e, apresentamos as nossas sinceras desculpas, por imprecisões, erros e omissões (*IE&O*). Tanto que, "*o bêbedo só cai … por vontade de querer andar* (*Massunga*)"!

NOS DESPEDIMOS:

Com um amplexo *«kandandu*», com sabor a um verdadeiro *«undandu*», pela vossa sabedoria e bastante paciência! E antecipamos, agradecimentos e melhores cumprimentos.

O APONTADOR,
(v/ *criado e fiel servidor*)
Tony da Conceição NICOLAU
(*Aprendiz de Contador de Estórias e Mestre em Estudos Africanos*)
Luanda, Junho de 2015
(***Melhorado, em Março 2024***)

ANEXO 3: Glossário de Alguns Termos Relacionáveis

GLOSSÁRIO DE ALGUNS TERMOS RELACIONÁVEIS

1. **PUMBEIRO** – agente itinerante de uma casa comercial (*Henriques,Isabel, 1997, p.765*)
2. **PUMBOS** ou **PAMBOS** – mercados do interior (*idem, p.766*)
3. **QUIMBARES** – negros livres ou libertos que vivem junto dos brancos (*Idem*)
4. **KIMBALO** – comerciante (*Idem, p.761*)
5. **FUNANTE** – pequeno comerciante do mato, funcionando como comerciante itinerante (*idem, p.758*)
6. **CAIXEIRO** – empregado das casas comerciais, instalado no mato (*idem, p.755*)
7. **AVIADO** – comerciante do mato, trabalhando com mercadorias fornecidas a crédito pelos seus colegas dos portos ou das cidades comerciais (*idem, p.754*)
8. **CAMBULADOR** (ver cambolação, *idem p.755*) – Linguisteres, lingsters – intérpretes (**kalei**), agentes das casas comerciais que procuram atrair os clientes (*idem, p.760 e 762*)
9. **AGREGADOS** – homens livres que se colocam voluntariamente na dependência dos portugueses para levar a cabo operações comerciais no mato (*idem, p.753*)
10. **FAMOROSAS** – métodos de propaganda utilizados para atrair as clientelas africanas por algumas casas comerciais, situada no interior de Angola (*idem, p.758*)
11. **KIKUMBA** – parentes. Designa também os escravos comprados e destinados aos serviços domésticos nas caravanas (*idem, p.760*)
12. **JIA DIA PANDA** – «grande caminho». Estrada comercial ligando a região de Kassanje à Musumba (local de compra), contorna os territórios imbangalas (*idem, p.760*)
13. **LEMBAS** – protectores, procuradores, credores (*idem, p.761*)
14. **LAZARINAS/canhangulos** – espingardas de carregar pela boca (*idem, p.756 e 761*)
15. **KISSOKO** – na linguagem corrente significa confiança, familiaridade. Trata-se, de maneira mais precisa, de um «pacto de aliança», graças ao qual duas ou várias pessoas se comprometem a respeitar um costume ou uma lei (*Isabel, 1997. p.761*)
16. **KIBILAS** – escravos encarregados de guardar as kibindas (*idem, p.760*)
17. **KIBINDAS** – os diferentes mausoléus onde são conservados os corpos dos jagas (*Idem, p.760*)
18. **HIBINDAS** – caçadores (*idem, p.758*)
19. **HAMBA NDEKE** – avião (*idem, 759*)
20. **HAMBA SITIMA** – caminho de ferro (*idem*)
21. **JOAQUIM RODRIGUES GRAÇA** – comerciante brasileiro instalado no **Golungo-Alto**, onde procurava cultivar café, associado a D. **Ana Joaquina dos Santos Silva**, a embaixada oficiosa à capital lunda, em **1846** (*idem, p.759*)
22. **GOLAMBOLE** – título militar africano, geralmente considerado como sendo equivalente a de coronel (*idem, p.759*)
23. **FUKA** ou **HAFUKA** (plural ***Ma****fuka*) – escravatura por dívidas (*idem, p.758*)
24. **DONGO** ou **PIKA** – escravo comprado (*idem, p.757*)
25. **EMPACASSEIROS** – tropas negras formadas inicialmente por caçadores de pacassas (*idem, p.757*).

……00000000000000……..

CONTACTO:

Autor: António Lopes Nicolau

Email: *alonicolau@yahoo.com.br*

Whatsapp: 912 642 986

Assistente: Joselany Francisco

Email: *joselanyfrancisco@gmail.com*

Whatsapp: 947 561 391